

**UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ**  
**Letícia Fernandes Frossard Santos**

**PROFESSOR, O HERÓI SÍSIFO: uma análise sobre a  
significação da profissão docente**

**Taubaté – SP**

**2023**

**Leticia Fernandes Frossard Santos**

**PROFESSOR, O HERÓI SÍSIFO: uma análise sobre a  
significação da profissão docente**

Trabalho apresentado à Banca de Defesa da Universidade de Taubaté, requisito final para obtenção do Título de Mestre pelo Mestrado Profissional em Educação Universidade de Taubaté.

Área de Concentração: Formação docente para a educação básica.

Linha de Pesquisa: Formação Docente e Desenvolvimento Profissional

Orientador: Prof. Dr. Cristovam da Silva Alves

**Taubaté – SP  
2023**

**SISTEMA INTEGRADO DE BIBLIOTECAS – SIBI  
GRUPO ESPECIAL DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO – GETI  
UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ**

S237p Santos, Leticia Fernandes Frossard  
Professor, o herói Sísifo : uma análise sobre a significação da  
profissão docente / Leticia Fernandes Frossard Santos.-- 2023.  
79 f.

Dissertação (mestrado) - Universidade de Taubaté,  
Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação, 2023.  
Orientação: Prof. Dr. Cristovam da Silva Alves, Pró-reitoria de  
Pesquisa e Pós-graduação.

1. Formação Docente. 2. Educação Básica. 3. Psicologia  
sócio-histórica. I. Universidade de Taubaté. Programa de  
Pós-graduação em Educação. II. Título.

CDD – 370

## **AGRADECIMENTOS**

Às Professoras Doutoradas Liliane, Patrícia, Mariana, Juliana pelas aulas ministradas, pelo encaminhamento e dedicação no auxílio com as discussões pertinentes e indicações de bibliografia que muito contribuem para o crescimento contínuo do conhecimento pedagógico desenvolvido aqui.

À Professora Doutora Virgínia Mara Próspero Cunha por acompanhar e auxiliar no processo de construção da pesquisa e ao Professor Doutor Júlio Soares pela disponibilidade e atenção ao analisar e participar da Banca de Qualificação, que contribuiu muito para o aprimoramento do trabalho.

Ao paciente e compreensivo Orientador Cristovam da Silva Alves por tantos motivos, mas principalmente pelo incentivo otimista nos momentos difíceis, pelas respostas rápidas e reuniões atenciosas apesar de uma agenda atribulada.

Finalmente à minha família, pelo apoio contínuo e imprescindível na conturbada busca pela melhoria da educação profissional e do Brasil.

## RESUMO

A construção identitária sobre a figura e o trabalho do professor é tema relevante para um estudo consciente e coerente de qualquer contexto educacional, assim, nos propomos a estudar como a associação entre o docente e o “herói” mitológico, onipotente e utópico, significam o professor. O tema insere-se na área de concentração das análises e pesquisas desenvolvidas no Grupo de Pesquisa intitulado ‘Educação: desenvolvimento profissional, diversidade e metodologias’. Esta pesquisa está vinculada à linha de pesquisa “Formação Docente e Desenvolvimento Profissional, do Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Educação, da Universidade de Taubaté – MPE UNITAU, junto ao Projeto de pesquisa ‘Processos e práticas de formação’, cujo objetivo é estudar os processos de formação docente para a Educação Básica e políticas de formação continuada, na perspectiva do desenvolvimento profissional. Realizamos uma pesquisa qualitativa, através de questionário e entrevista semiestruturada com sete professores e professoras de Ensino Fundamental Anos Finais entre cinco e quinze anos de experiência em sala de aula. Utilizamos a análise por Núcleos de Significação, na perspectiva sócio-histórica, para compreender as significações do profissional da educação atuante dentro do contexto atual de relações “fluidas” e descompromisso científico do senso-comum, bem como a influência dialética que tal contexto socioeconômico tem na própria imagem docente. É nossa intenção que as reflexões geradas acerca da consciência e pensamento crítico sobre o próprio papel do educador sejam compiladas em um podcast e auxiliem na compreensão do processo formativo do profissional da educação, bem como tornem mais saudável e produtivo para todos os envolvidos na construção de uma educação crítica, cidadã e inclusiva.

**PALAVRAS-CHAVE:** Formação docente. Educação Básica. Psicologia Sócio-histórica.

## ABSTRACT

The construction of identity on the figure and work of the teacher is a relevant topic for a conscious and coherent study of any educational context, so we propose to study how the association between the teacher and the mythological, omnipotent and utopian “hero” signifies the teacher. The topic is part of the area of analysis and research carried out in the Research Group entitled 'Education: professional development, diversity and methodologies'. This research is linked to the line of research “Teacher Training and Professional Development, of the Professional Master's Postgraduate Program in Education, of the University of Taubaté – MPE UNITAU, together with the research project 'Processes and practices of formation', whose objective is to study teacher training processes for Basic Education and continuing education policies, from the perspective of professional development. We carried out qualitative research, through a questionnaire and semi-structured interview with seven teachers of Elementary School Final Years between five and fifteen years of experience in the classroom. We used the analysis by Nuclei of Meaning, in the socio-historical perspective, to understand the meanings of the education workers within the current context of “fluid” relationships and scientific lack of commitment in common sense, as well as the dialectical influence such socioeconomic context has in the teaching image itself. It is our intention that the reflections generated about awareness and critical thinking in the educator's role be compiled in a podcast and help in understanding the training process of teachers, as well as make it healthier and more productive for all those involved in the construction of a critical, citizen and inclusive education.

**KEYWORDS:** Teacher training. Basic education. Sociohistorical Psychology.

**LISTA DE SIGLAS**

BNCC	–	Base Nacional Comum Curricular
CEP	–	Comitê de Ética em Pesquisa
CAPES	–	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CNPq	–	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
EAD	–	Ensino à Distância
ENEM	–	Exame Nacional do Ensino Médio
EMEF	–	Escola Municipal de Ensino Fundamental
FEUSP	–	Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo
FFLCH	–	Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
IBGE	–	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
OAB	–	Ordem dos Advogados do Brasil
OCDE	–	Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico
OMS	–	Organização Mundial da Saúde
ONU	–	Organização das Nações Unidas
SciELO	–	Scientific Electronic Library Online
TCLE	–	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UNITAU	–	Universidade de Taubaté
USP	–	Universidade de São Paulo

## SUMÁRIO

<b>1 MEMORIAL</b> .....	07
<b>2 INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>2.1 Relevância do Estudo / Justificativa</b> .....	13
<b>2.2 Delimitação do Estudo</b> .....	14
<b>2.3 Problema</b> .....	15
<b>2.4 Objetivos</b> .....	15
<b>2.4.1 Objetivo Geral</b> .....	16
<b>2.4.2 Objetivos Específicos</b> .....	16
<b>2.5 Organização do Trabalho</b> .....	16
<b>3 REVISÃO DE LITERATURA</b> .....	18
<b>4 A PERSPECTIVA SÓCIO-HISTÓRICA E AS CATEGORIAS DE ANÁLISE</b> .....	30
<b>5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b> .....	33
<b>5.1 Participantes</b> .....	34
<b>5.2 Instrumentos de pesquisa</b> .....	36
<b>5.3 Procedimentos para Coleta e Análise de informações (dados)</b> .....	38
<b>6 ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES</b> .....	42
<b>6.1 NÚCLEO 1: Escolhi, escolho e incentivo o “ser professor”?</b> .....	55
<b>6.2 NÚCLEO 2: Desafios que se repetem continuamente</b> .....	58
<b>6.3 NÚCLEO 3: Herói, vítima, nenhum ou ambos?</b> .....	60
<b>7 CONSIDERAÇÕES SOBRE O ESTUDO DIALÉTICO</b> .....	64
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	67
<b>LINKS INTERESSANTES</b> .....	69
<b>APÊNDICE A – Questionário</b> .....	71

<b>APÊNDICE B - Roteiro para Entrevista .....</b>	<b>76</b>
<b>ANEXO A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido .....</b>	<b>77</b>
<b>ANEXO B - TCPR .....</b>	<b>79</b>
<b>ANEXO C – ENTREVISTAS .....</b>	<b>80</b>



## 1 MEMORIAL

O recurso de escrever sobre sua própria prática envolve diferentes áreas da reflexão pessoal, portanto, nos permite expor, explicar, interpretar, avaliar e criticar a própria prática dentro de um ambiente acadêmico e seguro, construindo um plano metacognitivo, ou seja, dá poder à narrativa com dimensões reflexivas. Como historiadora de formação, não me contenho em iniciar o texto pontuando que o tema da memória não é novo entre as grandes reflexões humanas. Ainda no período pré-literário, quando a arte rupestre era uma das poucas formas disponíveis de representação, o homo sapiens-sapiens já se debruçava sobre si próprio com base em suas experiências cotidianas e se preocupava com a transmissão deste conhecimento aos próximos de sua espécie. Busco aqui explorar o caminho em que as lembranças pessoais se misturam com a teoria acadêmica já desenvolvida sobre o assunto, me baseando principalmente nas etapas da vida docente propostas por Shulman e Huberman, além do caminho de construção da minha própria profissionalização, iluminado pelos textos de Tardif e Roldão, para quem a experiência e a prática têm muito valor, e, por fim, a questão da influência política no discurso da profissão e para a profissão exposto por Nóvoa e tantos outros.

Minha infância foi muito feliz e por isso me sinto privilegiada. Lembro com facilidade de muitos amigos e um bom desempenho dentro do método montessoriano da Escola Monteiro Lobato em São José dos Campos, cidade no interior de São Paulo. A memória do meu primeiro dia de aula é menos própria e mais construída por histórias e anedotas de família nas quais fica claro que a resistência ao ambiente escolar foi insignificante (para eterna frustração da minha mãe que esperava lágrimas incessantes), portanto, posso dizer que começa assim minha história escolar: voluntária e empolgadamente.

Como muitos antes de mim, minha primeira inspiração foi uma professora. Rigorosa e competente, Maria do Carmo me introduziu ao mundo das ciências humanas a partir da geografia e, posteriormente, da história. Incentivada pela avó materna (ex-professora de história da arte no curso de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais e, posteriormente, da própria UNITAU), mantive a escolha feita aos 13 anos pela docência, ainda que, no Ensino Médio, a rejeição insistente da família à profissão, o próprio medo pelo futuro financeiro e falta de reconhecimento profissional

(já conhecidos e relacionados à docência), tenham me feito entrar em questionamento. Em busca de argumentos que baseassem concreta e racionalmente minha escolha profissional, procurei acompanhar mais de perto professores que me inspiraram e questioná-los a respeito de sua realização profissional (ou falta dela). Hoje vejo que minha “pesquisa” foi extremamente rasa, uma vez que foi baseada em “casos de sucesso”, ou seja: professores funcionários de colégios de alto rendimento de classe média e alta de uma cidade no interior de São Paulo. Como pode-se esperar, obtive um viés extremamente otimista da profissão que não é exatamente generalizado, mas que, para o bem ou para o mau, me certificaram de um futuro promissor como docente. Ainda contrariando grande parte da família, prestei os principais vestibulares públicos do país e me classifiquei para o curso de bacharelado e licenciatura em História na Universidade de São Paulo.

Resumidamente, posso dizer que a universidade foi uma libertação. Lá foi onde encontrei um grupo maior de pessoas com valores sociais e prioridades parecidos com os meus, o que na minha bolha privilegiada de classe média alta de cidade do interior, nunca havia acontecido. As responsabilidades e liberdades de morar sozinha, o contato com professores respeitados internacionalmente, matérias do meu profundo interesse, colegas dedicados e mobilizados, enfim, um conjunto enorme de situações e experiências ricas que abrem um mundo novo e cheio de expectativas. Se iniciam também as primeiras decepções com a política estudantil, com a lenta e desnecessariamente minuciosa burocracia interna da faculdade, além da quase absoluta falta de investimento na educação pública, mesmo em uma universidade conceituada internacionalmente como a USP.

Segundo uma visão materialista da história, os “avanços” só ocorrem a partir de conflitos. O estímulo à pesquisa assim como ao desenvolvimento do pensamento crítico é claramente minado todos os dias, afinal, é vantajoso ao político autoritário ou mal-intencionado uma população ignorante que não questione e somente obedeça. A desvalorização e o sucateamento do sistema de ensino são estruturais, conscientes e institucionais, atinge a todos e em todos os âmbitos educacionais, desde a base alfabetizadora até o ensino superior e isso fica claro na distribuição (ou falta dela) de verbas entre as faculdades de um mesmo Campus. Uma população que não pensa, fatalmente não se revolta, não reclama e não causa problemas, empacando o processo

necessário à evolução que é justamente o conflito. Uma população que não estuda, fatalmente não entende que a desigualdade é o resultado de uma produção humana e que a meritocracia é uma falácia convincente para muitos e conveniente para poucos.

Embora a FEUSP (Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo) seja referência na formação de professores de excelência no Brasil (com escola de aplicação, programas de inserção no ambiente escolar, estágio de mais de 400 horas), existe uma patente desarticulação ou falta de comunicação entre aquilo que é produzido em ambiente acadêmico e aquilo que é produzido em ambiente escolar.

A Utopia teórica a que tive contato não representou a realidade da escola pública ou mesmo particular quando finalmente me responsabilizei por uma turma após a aquisição do diploma. Piaget, Vygotsky e mesmo Freire me deram um arcabouço científico essencial, mas não sinto que me prepararam para a burocracia, politicagem e as surpresas às quais fui exposta. Por assim dizer, a caixa de ferramentas estava completa, mas sem oportunidade para uso. Os planos de aula construtivos e lúdicos, os materiais diferenciados, as propostas e jogos, que concordo serem essenciais para a formação de novos docentes, infelizmente não me prepararam para pressão pelo segmento do currículo pré-estabelecido, do livro didático rígido, das provas e cumprimento do “sagrado” calendário escolar. O contato direto que eu pude ter com os alunos, a direção, o corpo docente, a estrutura escolar, a realidade de uma escola considerada como uma boa escola municipal, com o cotidiano de provas, trabalhos e tarefas, como bolsista do PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência criado em 2007) foram importantes, mas insuficientes.

Meu início oficial como docente ocorreu quando eu tinha 22 anos, então uma mulher relativamente nova, e fui contratada para as turmas de sexto e sétimos anos. A justificativa que me foi dada foi que ao longo das minhas aulas e das entrevistas foi percebido que eu teria o maior sucesso com alunos mais novos, apesar de toda a minha experiência como professora de história até o momento, tanto com aulas particulares quanto com cursinhos, tenha sido com alunos mais velhos. Hoje percebo que essa escolha não foi coincidente e sim muito específica, levando em conta o processo histórico antigo e patriarcal ao qual a nossa sociedade está tão acostumada.

Poucos meses me fizeram perceber como a estrutura do colégio não está, de forma geral, preocupada com questões didáticas ou de aprendizagem e essa percepção só aumentou ao longo do período de pandemia atual. A necessidade de estar alinhado com os interesses dos responsáveis financiadores das mensalidades está superior à integridade das notas, à uma reflexão real do trabalho e ao avanço dos alunos, e às condições mais de trabalho não só para a equipe de coordenação, mas também para o corpo docente.

Em 2020 iniciei minha trajetória na rede pública como professora de história com contrato de prazo determinado “PD”. Ao longo do ano de 2020, lecionei em uma EMEF em uma região considerada de classe média. Pouco foi o contato com as crianças, uma vez que logo em março às aulas foram suspensas pelo COVID-19. A experiência com a prefeitura me fez perceber algumas similitudes nas prioridades entre a instituição particular e pública, como a valorização da satisfação de alguns responsáveis com a nota e não necessariamente com o aprendizado da criança. Isso, segundo o pensamento da administração pública atual é o que leva ao voto, aparentemente seu objetivo final.

Em 2021, com a pressão dos responsáveis, maus exemplos de lideranças políticas e a percepção de que a figura do professor de fato é imprescindível (algo surpreendente para alguns) o afã para voltarem os alunos para sala de aula encontra a ânsia de enquadrar os professores na função de “cuidadores” ou “executores” de uma proposta vertical e de curto prazo que se propõe solucionar os prejuízos causados pela pandemia. Voltamos todos aos colégios em meio à recordes de mortes por dia.

É claro que nossos velhos companheiros de crítica (investimento e políticas públicas contundentes) continuam sem aparente solução. Para passarmos finalmente para a “idade da profissão” continuam sendo necessárias a existência de uma base de conhecimentos científicos específicos que legitimem os professores como especialistas da função, a formação contínua e o aperfeiçoamento teórico além do prático, uma organização profissional reconhecida pelo Estado (como a OAB por exemplo), uma ética profissional orientada para a qualidade do ensino e a autonomia do profissional docente como garantia básica. É preciso destacar ainda que os ganhos garantidos na “era do Ofício”, ou seja, melhores condições de trabalho, autonomia e estabilidade estão hoje sendo minados e substituídos por concorrência, prestação de contas, responsabilização

sem autonomia, salários instáveis e insegurança de forma geral. "Profissionalização" e "Industrialização" não podem ser termos sinônimos quando se trata de Educação brasileira e a única forma que me ocorre de conscientizar e capacitar a categoria docente é o constante estímulo ao pensamento crítico, à contestação e à mobilização. A pandemia deixou claro que ensinar não é para todos e o professor de fato é fundamental para o funcionamento da sociedade. Está aí o nosso poder de ação e devemos utilizá-lo.

Permaneço na docência com pouca esperança e muita determinação, pois acredito na força que a educação tem de mudar pessoas e, parafraseando o saudoso Paulo Freire, o mundo tem necessidade de ser transformado urgentemente.

## 2 INTRODUÇÃO

O tema desta pesquisa insere-se na área de concentração das análises e pesquisas desenvolvidas no Grupo de Pesquisa intitulado ‘Educação: desenvolvimento profissional, diversidade e metodologias’. Esta pesquisa está vinculada à linha de pesquisa “Formação Docente e Desenvolvimento Profissional, do Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Educação, da Universidade de Taubaté – MPE UNITAU, junto ao Projeto de pesquisa ‘Processos e práticas de formação’, cujo objetivo é estudar os processos de formação docente para a Educação Básica e políticas de formação continuada, na perspectiva do desenvolvimento profissional.

Como muitos projetos científicos, este trabalho nasce de um questionamento pessoal, um incômodo, uma contradição. Durante um almoço em outubro de 2019, tive contato com uma reportagem, veiculada por um canal de TV aberta, em homenagem ao Dia do Professor. Na matéria, a repórter mostrava cartas que uma professora estadual recebeu durante a semana em referência à admiração dos alunos e que culmina na frase “nossos heróis sem capa”. A ideia claramente era exaltar o papel da professora, mas me causou desconforto. Heróis sem capa. Heróis. A palavra comumente associada ao positivo, soou amarga.

A importância do mito no imaginário humano não é novidade e o personagem heroico já há muito tempo está fincado em nosso vocabulário cotidiano, mas a reflexão sobre ele e os impactos que a transposição do mito para a sala de aula causam para o sistema educacional e o próprio docente, se tornaram objeto de especial interesse.

Embora não se possa afirmar com certeza, entende-se que a palavra tem origem grega. Etimologicamente, ἦρως (héros) talvez se pudesse aproximar do indo-europeu *servā*, da raiz *ser*, “ele guarda” e o latim *seruāre*, “conservar, defender, guardar, velar sobre ser útil”, donde herói seria o “guardião, o defensor, o que nasceu para servir” (BRANDÃO, 1997, v. III, p. 15.). As similitudes entre as definições expostas e o que normalmente se espera do trabalho docente se escancaram.

Interessante notar que, apesar de ter se expandido por uma variedade de locais, culturas e épocas, o herói permanece como aquele que, por demonstrações de coragem, abnegação e feitos extraordinários contra inimigos inicialmente intransponíveis, ganha a admiração e o respeito da sua comunidade, imortalizando-se figurativamente e, portanto, inscrevendo-se na história. É possível traçar um paralelo entre o professor que atua sob condições adversas, porém recebe a devida valorização somente em ocasiões

específicas e de forma retórica? Como pode uma sociedade tão abertamente vocal no consenso da importância da educação, na prática, valorizar tão pouco o trabalho cotidiano docente?

A ciência é filha da dúvida e serão essas as norteadoras do texto no sentido de aprofundar a linha de Pesquisa “Formação Docente e Desenvolvimento Profissional”.

## **2.1 Relevância do Estudo / Justificativa**

Em tempos de terraplana, ressurgimento do nazifascismo e movimentos anti-vacina, a comunidade pensante se pergunta “onde foi que erramos?”. Parece premente a constatação de que a complexidade e a especificidade do trabalho docente, exige cada dia mais do educador a mobilização de variados conhecimentos e o desenvolvimento de uma série de habilidades antes desconhecidas e muito desafiadoras. Uma das maiores dificuldades de ser professor na Era do *twitter e fake news* é que ensinar, educar e aprender, requer tempo. Recurso cada vez menos disponível na lista de prioridades da sociedade em geral.

A esse respeito, refletindo sobre as mudanças contínuas e rápidas que ocorrem no mundo globalizado, Marcelo (2009) afirma que para assegurar a aprendizagem efetiva dos estudantes é necessário que os professores se esforcem para aprender constantemente, pois assim irão aprimorar sua competência profissional. Ao longo do texto, propõe-se responsabilizar outras instâncias pertencentes ao mundo educacional e analisar a relação dicotômica entre a cobrança social do professor ao mesmo tempo em que questiona sua validade e retira desta figura sua autoridade e autonomia.

Parece claro que o sentido e as responsabilidades do professor sofre mudanças constantes, mas, como fica evidente no cenário atual, não se pode assumir que tais transformações visam por si só o benefício geral da educação ou o alcance de sua primeira função: a ampliação da cidadania. Proponho aqui que o sucesso dessa empreitada é indistinguível da autoimagem associada à figura do(a) educador(a) e questiono se tal identidade está sendo produzida e difundida de forma a engrandecer ou desmerecer essa figura.

Ao longo de uma trajetória pessoal, histórias e comentários de professores atuantes e aposentados e, finalmente, debruçada sobre uma ampla bibliografia que reflete sobre a construção identitária do profissional docente, a figura do professor como herói, em uma jornada constante, mitológica e, muitas vezes, solitária pelo bem da educação, surge de maneira frequente. Mas a narrativa oferece interpretações contraditórias no que se refere aos benefícios ou malefícios resultantes para a comunidade em geral.

Com este trabalho, propõe-se analisar o sentido atribuído (ou autoimposto?) à figura mitológica heroica usualmente relacionada ao profissional da docência e suas possíveis consequências para a educação, especialmente no cenário brasileiro. Pretende-se, assim, auxiliar na formação de novos professores à luz de uma análise crítica sobre a figura do docente, permitindo-os evitar sentidos comuns desnecessários ou prejudiciais à profissão.

Ao longo da dissertação, apoiada por ampla literatura clássica na área de formação profissional docente como estudos de Maurice Tardif, Vera Maria Candau, Bernardete Gatti, Huberman e entre tantos outros, assim como as discussões trazidas por todas as aulas e atividades propostas ao longo do semestre, procuramos ampliar as discussões sobre a existência e as consequências da excessiva responsabilização sobre o papel do professor por meio de entrevistas com profissionais da área.

Finalmente, buscamos contribuir para que a construção desta “Identidade” docente seja mais saudável e produtiva para os interesses da categoria para uma formação cidadã, inclusiva e crítica da sociedade na qual está inserida.

## **2.2 Delimitação do Estudo**

O cenário de crise da Educação que se entende há anos e se aprofundou pelas limitações impostas pela pandemia do COVID-19, exige uma atenção especial ao papel representado pela figura docente e esperado da mesma pela comunidade escolar. Entre super-humanos capazes de atender a todos os seus alunos, independentemente da hora, com metodologias revolucionárias para atingir remotamente a atenção de públicos e contextos sociais diversos, e simples executores de tabelas e atividades impostas verticalmente, o professor se encontra em constante dilema. Casos de estresse,



ansiedade, insônia e depressão têm sido comuns a boa parte da população em todo o mundo, que precisou mudar radicalmente seu cotidiano para lidar com o cenário pandêmico. Mas, para os professores, as mudanças doem um pouco mais, uma vez que seu cotidiano está relacionado diretamente com o contato presencial.

Não bastasse o cenário de crise mundial, a profissão docente já se destaca por estar dentre aquelas que possuem altos riscos de desenvolvimento de síndromes como a de “Burnout”, quando comparada às demais profissões, por conta de fatores como condições ruins de trabalho, carga horária excessiva, baixa remuneração e condições desfavoráveis na organização do sistema educacional. O educador James Hilton afirma que a Síndrome de Burnout entre professores também se alia ao sentimento de isolamento e de falta de apoio na profissão.

Para buscar respostas que contribuam para a melhoria de tal situação, vamos nos concentrar em professores da educação básica, responsáveis por turmas de Ensino Fundamental Anos Finais, considerados “especialistas” em suas respectivas disciplinas e em meio de carreira. A partir de entrevistas com sete docentes que se enquadrem na descrição (que será esmiuçada ao longo da parte metodológica deste texto), esperamos demonstrar que se faz necessário uma visão crítica e contundente que reavalie a construção desta “Identidade” docente que sofre constantemente com as expectativas sociais sem benefícios práticos e concretos, com o objetivo de torná-la mais saudável, formando professores mais críticos, informados e seguros que promovam a Educação a partir de um processo horizontal.

### **2.3 Problema**

Na base do estudo histórico, o qual nos debruçamos com especial atenção durante a graduação, está a compreensão dos processos que constroem as características da sociedade atual. Partindo de tal princípio, consideramos imprescindível a identificação e posterior crítica dos elementos que influenciaram diretamente no panorama de crise educacional como ponto de partida para solucioná-la. A construção do imaginário a respeito da figura docente está no cerne deste trabalho.

No cenário atual, portanto, se faz necessária a identificação dos processos de construção sociais e pessoais que formam a identidade profissional. Para tal, propõe-se

um estudo que responda às questões: Existe uma relação entre o profissional docente e a figura do herói mitológico? E, se sim, por quem e para quem esta relação é construída?

## **2.4 Objetivos**

Conscientes da complexidade do tema proposto, faz-se importante o foco para a obtenção de resultados confiáveis. Para isso, delimitamos os objetivos da pesquisa da seguinte maneira:

### **2.4.1 Objetivo Geral**

Analisar a existência e o impacto da ideia que relaciona o professor à figura de herói, assim como a significação de professores sobre a sua própria realidade.

### **2.4.2 Objetivos Específicos**

- Identificar a motivação para escolha e entrada na carreira docente, bem como as expectativas iniciais e se foram atingidas atualmente;
- Investigar a autoimagem do professor e como ela é influenciada pelo contexto político-social vigente;
- Explorar a responsabilização sobre a figura docente em comparação às condições encaradas pelo professor para atingir tais expectativas da comunidade;
- Apreender as significações dos professores sobre as suas formações e funções docentes no contexto atual;
- Construção de um podcast com a reflexão dos voluntários entrevistados sobre seu desenvolvimento docente.

## **2.5 Organização da Pesquisa**

Para atingirmos os objetivos ambiciosos descritos e apresentá-lo de forma clara e idônea, dividimos o trabalho da seguinte forma: Introdução, Revisão de Literatura, Metodologia, Resultados Esperados, Referências, Apêndices e Anexos.

A Introdução subdivide-se em: Relevância do Estudo/Justificativa, Delimitação do Estudo, Problema, Objetivo Geral, Objetivos Específicos e Organização do Trabalho.

A Revisão de Literatura apresentará um panorama das pesquisas referentes ao assunto baseado na análise de teses e dissertações dos últimos 20 anos, dos quais apenas um total de oito foram selecionadas a partir dos descritores “identidade docente” e “herói”, além de textos clássicos de autores renomados no tema da formação profissional como Tardif, Shulman, e muitos outros.

A metodologia subdivide-se em quatro subseções: População, Instrumentos de Pesquisa, Produção de informações e Análise dos Dados.

Em seguida, apresentam-se as Considerações “finais”, ainda que se entenda a transitoriedade do tema, seguido das Referências. Nos Anexos e Apêndices constam os instrumentos elaborados pelo pesquisador, pela Universidade de Taubaté e outros documentos julgados relevantes para a compreensão da pesquisa.

### 3 REVISÃO DA LITERATURA

A importância da pesquisa bibliográfica se dá na oportunidade de ampliar a visão sobre o tema trabalhado ao longo da pesquisa, nos baseando no que já foi pesquisado, analisado e publicado sobre o assunto. Podemos, desta forma, evitar erros e conclusões já oferecidas, otimizando o precioso tempo de estudo, além de poder contribuir para a confiabilidade da pesquisa. Contextualizar o tema proposto até aqui exigiu uma análise do que já foi realizado por colegas mestrandos e grandes autores clássicos da linha de formação profissional, além da comparação saudável entre diferentes abordagens metodológicas, tendo, assim, uma definição mais clara do próprio objeto de pesquisa e uma seleção de procedimentos cabíveis a serem realizados. Sabemos, assim, que a revisão da literatura é primordial para uma definição mais concreta possível sobre as lacunas que poderemos tentar preencher e as contribuições que nosso trabalho poderá dar para o campo de conhecimento da Educação.

Portanto, propõe-se neste capítulo exatamente a construção de um contexto para o problema explorado pela pesquisa e a análise das abordagens já realizadas sobre o tema de acordo com o referencial teórico escolhido.

Iniciaremos pontuando que entendemos por “Revisão da literatura” o processo de busca e análise de um conjunto de materiais já escritos sobre um tema específico, que procura auxiliar no desenvolvimento de uma tese. Pudemos identificar três tipos de revisão: a Narrativa, a Sistemática e a Integrativa. A primeira seleciona estudos cuja interpretação leva em conta a subjetividade dos autores. Já a segunda propõe um tipo de investigação metódica que revela estudos de observação ou experimentação, analisando criticamente a literatura exposta e buscando objetivamente os resultados propostos por pesquisas primárias. Por fim, a revisão integrativa é desenvolvida com a proposta de unir pesquisas com outras metodologias sendo capaz de desenvolver revisão de áreas diferentes do conhecimento sem perder o rigor metodológico, ao reunir dados empíricos e teóricos, e amplia a profundidade da análise. E por fim, a linha que procuraremos seguir para este trabalho.

Em um primeiro momento foram realizadas pesquisas nos catálogos online de teses publicadas da CAPES, procurando estabelecer um panorama das pesquisas referentes à ideia que liga o professor à imagem de “super-herói” e suas possíveis consequências para a Educação. Foram buscadas teses publicadas nos últimos dez anos

com os descritores “identidade docente”, “formação profissional”, “sísifo” e “herói” e como resultado, encontramos quatro trabalhos relacionados: três dissertações de mestrado em educação e uma em Letras e Linguística. Ampliando a pesquisa para os últimos 20 anos encontramos mais quatro teses que dividimos entre dois doutorados e um mestrado em Educação e um mestrado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês.

Com um conjunto de oito teses, demos prioridade neste projeto inicial, para aquelas desenvolvidas em programas específicos da Educação e com exemplares disponíveis *online* (tendo em vista que a busca se deu no momento pandêmico, impedindo o acesso físico aos repositórios,) focando o estudo sobre dois trabalhos específicos: o de Luana Lasincki Marum Tarábola (2019) “O professor entre o profissionalismo e o heroísmo: as motivações e expectativas para a escolha da carreira docente”, de 2019, e o de Antonio Roberto Giraldes “Mestres e Heróis: mitohermenêutica da formação da identidade de professores”, de 2011.

A primeira tese pretendeu analisar exatamente a representação do professor como um super-herói que, por vezes, enfrenta resilientemente todas as diversidades impostas pelo contexto político-econômico, por outras é considerado o único responsável por solucionar sozinho as desigualdades e problemas sociais e, ainda, como personagem utópico, no qual o altruísmo e o amor pela profissão superam qualquer dificuldade. A pesquisadora demonstrou, respaldada por estudos como da professora Bernadete Gatti, da Fundação Carlos Chagas, as dificuldades e desafios da escolha pela carreira docente, que tais irreais expectativas, principalmente quando associadas às condições de trabalho no Brasil (raramente satisfatórias), resultam frequentemente na desistência.

Concordando com Tardif, deixa claro que a profissão docente foi e ainda é idealizada como algo missionário, religioso, uma vocação, um dom que justificaria as más condições de trabalho (como baixa remuneração, desvalorização e falta de autonomia), uma vez que a atividade teria como objetivo moral o auxílio ao próximo e que o valor financeiro seria algo secundário.

O aspecto monetário, dentro de uma sociedade capitalista, nunca pode ser desconsiderado, o que comprova o relatório de 2018 da OCDE, quando aponta que apenas 2,4% dos estudantes brasileiros tinham ambições pela docência e relaciona tais

ambições ao perfil socioeconômico familiar: quanto menor a escolaridade dos pais, maior proporção de interessados em se formar professores. Ou seja, a profissão docente é vista como um trampolim social para as camadas menos favorecidas, enquanto a baixa remuneração é um dos principais fatores de rejeição da carreira para os alunos de classe média alta (com condições financeiras que os permitem ter expectativas profissionais mais ambiciosas). Tarábola (2019) cita Claude Dubar, quando defende que o trabalho docente, em tempos de incerteza, tem exigido investimento pessoal ainda maior e que seria impossível identificar a docência como uma escolha apenas individual, já que as transformações trabalhistas e sociais interferem diretamente nessa escolha, como também proposto por Pimenta:

Uma identidade profissional se constrói, pois, a partir da significação social da profissão; da revisão constante dos significados sociais da profissão (...). Constrói-se, também, pelo significado que cada professor, enquanto ator e autor, confere à atividade docente no seu cotidiano a partir de seus valores, de seu modo de situar-se no mundo, de sua história de vida e anseios, do sentido que tem em sua vida o ser professor (PIMENTA, 1999, p. 19).

Outro ponto a ser considerado é que a escola vem sendo desvalorizada constantemente enquanto instituição formadora de cidadãos. A sociedade busca culpados para o fracasso escolar e o professor é tido como central nesse processo, isso resulta em um aceleramento ainda maior da desvalorização social da figura docente, ao mesmo tempo em que seu trabalho se torna ainda mais complexo e incumbido de maiores responsabilidades demandadas pelo mundo contemporâneo, que não se refletem na remuneração. A autora lembra também que a perspectiva por maiores salários está intimamente ligada ao investimento pessoal em qualificação que é muito caro e praticamente inviável à grande parcela do corpo docente, devido à excessiva carga horária dedicada ao trabalho fora do ambiente escolar (como preparação de aulas, avaliações e correções).

Devemos destacar que, em momento de crítica e questionamento do papel escolar, no qual existem movimentos que até defendem a desobrigação da Educação Básica, um grupo significativo da sociedade vê o professor a partir de críticas às suas metodologias, conteúdos, materiais e avaliações. Além de perseguirem esse profissional em redes sociais e mesmo dentro de salas (com as aulas por vídeo em período de

pandemia) investigando se a sua fala, suas ações ou seus pensamentos estão de acordo com os valores morais e éticos individuais da família em questão, interferindo de forma contínua em uma área de conhecimento profissional sob uma perspectiva que não pertence a tal área, uma situação que seria vista como absolutamente inaceitável em qualquer outra profissão. Vemos um viés de crueldade ser incluído de maneira cada vez mais perceptível no ambiente educacional, como exposto por Dubet:

Do ponto de vista dos professores, a escola meritocrática também é cruel, pois a escola se torna o principal agente de seleção escolar e social tomando as decisões de orientação que a sociedade abdica de tomar, na contracorrente da escolaridade. Assim, e independentemente do que pensam os atores, a escola meritocrática legitima as desigualdades sociais (DUBET, 2004, p. 543)

Tarábola (2019) também enfatiza a necessidade de se buscar alternativas que incentivem mais estudantes a se interessar por cursos de licenciatura e pedagogia, além da necessidade premente por políticas públicas que favoreçam a contratação e permanência desses profissionais na educação básica, evitando a evasão e a troca constante de docentes entre escolas. O caminho para tal está posto: a valorização profissional faz parte da expectativa dos ingressantes na carreira docente assim como em qualquer carreira e tal expectativa não está sendo atingida dentro do ensino público e mesmo dentro do privado.

Abre-se também o questionamento, a partir do relatório da fundação Varkey em 2018 (que classifica o Brasil em último lugar na valorização do professor), se estamos no caminho crescente em direção à melhoria da Educação, mesmo que gradual e lentamente, ou se, pelo contrário, direcionamos cada vez mais para o desprestígio do professor e a substituição da figura docente por modelos de ensino ricos em conteúdo, porém rasos de conhecimento e insuficientes para a construção de uma cidadania justa e igual.

Outra tese analisada para se estabelecer um panorama sobre o tema deste projeto, foi o trabalho de Giraldes (2011), que discute a crise da educação atual sob o aspecto da crise de identidade e alteridade com relação ao professor. O autor estabelece como característica intrínseca do Sistema de produção capitalista, a construção de uma educação tecnológica e esvaziada da riqueza da relação com o outro que resulta em uma

escola etnocêntrica e elitista (mesmo quando de massa) de apologia à Ciência por si só e com base no contratualismo francês.

O autor se estende a respeito da habilidade do mito (como elemento linguístico narrativo) de traduzir simbolicamente a pluralidade de sentidos que uma relação racional direta com objeto não é capaz de interpretar, podendo representar histórias particulares e modelos genéricos com uma simbologia que pode ser entendida tanto no indivíduo quanto na coletividade. Com o auxílio da mitohermenêutica, ou seja, associação entre o mito e a existência humana na qual se acredita encontrar o foco da contemplação do homem sobre sua própria vivência, Giralde estabelece essa rede de simbolismo presente no mito do Herói que se reconstrói no imaginário do professor atual: aquele que conseguiu vencer suas limitações pessoais e contextuais, e morreu como um homem ou mulher moderno e eterno, deixando para trás um mundo diferente daquele que encontrou. A relação se faz presente, inclusive, na etimologia da palavra: o termo grego *héros* pode se aproximar do indo-europeu *servã*, aquele que guarda, conserva, defende, é útil. O professor, aqui, pode ser visto tal qual o herói, aquele que nasceu predestinado à tarefa de guardar o conhecimento e servir o seu pupilo.

Em uma educação articulada para a competição do mercado de trabalho, se olha o professor como um mestre capaz de carregar seu aluno até a linha de chegada que é o vestibular. Assim, convenientemente, ao invés de mostrar ao aluno que o problema está na limitada quantidade de vagas ou na competitividade cruel do mercado de trabalho, transforma-se a deficiência social em uma possibilidade mitológica de ser elevado à categoria de herói. O estereótipo vazio, mas tentador, que resulta na alienação, na perda de identidade e da autoridade, pois, ao considerarmos alguns docentes como especiais, superiores, heroicos, passamos a nos esquecer que nós somos e devemos ser apenas humanos o que acaba por nos distanciar de nós mesmos. Portanto, pode-se inferir que Giralde vê o próprio professor se imbuindo deste manto sagrado cujas expectativas são impossíveis de cumprir, o que nos leva fatalmente a crises de identidade e até mesmo depressão, no campo interno da construção identitária, e à continuidade da crise educacional como um todo.

Apesar de ambas as dissertações se apoiarem na relação entre os termos “herói” e “professor” para analisarem falhas na Educação brasileira, partem de princípios diferentes e chegam a conclusões discrepantes. A intenção deste trabalho é contribuir



para a construção de uma análise que leve em consideração os pontos desenvolvidos anteriormente, mas que não se prenda a eles.

De fato, acreditamos que a relação pode e deve ser mais profundamente analisada pela perspectiva do professor atuante em sala e relativamente experiente na função, sem ter, ainda, desistido e se desesperançado do futuro educacional brasileiro. Tal perspectiva tem a capacidade de iluminar sobre a visão interior que o docente faz de si próprio em concomitância à influência que a sociedade atual tem na construção desta visão, bem como os resultados que tal percepção heroica do trabalho docente causam no meio educacional.

Não acreditamos que, após a análise cuidadosa de ambos os trabalhos, tenha ficado claro se o profissional da educação é levado ao pedestal de super-herói ou se ele se coloca nesta posição voluntariamente, ou, ainda, se há um amálgama das duas possibilidades. Lembrando, mais uma vez, que a pesquisa reconhece sua limitação na abrangência de resultados, temos interesse em discutir essa questão sob o novo olhar, acreditando que o estudo possa contribuir ainda mais para o desenvolvimento de um processo formativo salutar para o professor e mais produtivo para o futuro educacional.

Além das dissertações apresentadas, que, apesar de relativamente poucas em número, são riquíssimas em conhecimento, também procuramos nos aprofundar em textos clássicos de autores renomados no tema da formação da identidade docente, como procuramos desenvolver a seguir.

Grande nome da pesquisa acadêmica no meio educacional, Maurice Tardif será amplamente utilizado ao longo desta revisão bibliográfica por descrever brilhantemente sobre o histórico profissional da educação, separando a análise em três fases: vocação, ofício e profissão. O autor indica a existência de diversos obstáculos para a profissionalização docente (como a falta de investimento em escolas públicas, a concorrência entre os estabelecimentos, a privatização e mercantilização da Educação, a variação na qualidade de cursos que oferecem a formação em pouco tempo e com pouco investimento, enfim), mas proponho que muito da mentalidade pessoal e social com relação ao professor ainda se mantêm em épocas primárias vocacionais demarcadas entre os séculos XVII e XX, quando a escola teria sido dividida em “primária” (popular) e “secundária” (dedicada a formação das elites sociais).

A formação era quase inexistente: as mulheres religiosas e leigas aprendiam a ensinar *in loco* (...). As “virtudes femininas tradicionais” eram valorizadas e serviam de justificativa à ausência de formação: amor pelas crianças, obediência, devoção, espírito de sacrifício, espírito de servir... (TARDIF, 2013, p. 555)

Tal momento educacional se mostra, portanto, há muito ultrapassado, certo? Não. A arte de professar, em muitas ocasiões, ainda se iguala a exercer uma atividade na qual se espera uma conduta moral quase religiosa. Fé, Dom, Vocação, Amor, Abnegação, palavras que justifiquem a recusa de bens materiais estão constantemente presentes no ambiente educacional.

Tardif mostra que a segunda fase é composta por uma ruptura entre a tradição religiosa e o modelo científico, motivada por movimentos relevantes na história como o Iluminismo e sua consequente valorização da razão e da experimentação. Aqui permanecem divididos os ambientes escolares, mas não somente pelo aspecto social e financeiro, mas também pelo gênero. Mulheres “dominam” o ensino básico uma vez que são consideradas “naturalmente” como seres sensíveis, dóceis, com Espírito materno de sacrifício que explique a permanência na função apesar das conhecidas péssimas condições de salário e pouca liberdade. Já o ensino superior era dominado por homens mais “naturalmente” Racionais e, portanto, mais adequados ao ensino de Especialidades. Fica clara aqui a hierarquia patriarcal dominante do período e remanescente até hoje. Nesta fase, com os concursos públicos e as melhorias nas condições de trabalho de forma geral, percebemos o aumento paulatino da autonomia e autoridade pedagógica, assim como a pressão sobre a responsabilidade do trabalho docente.

Segundo Tardif, para que possamos, finalmente, seguir para a idade da profissão, seriam necessárias a existência de uma base de conhecimentos científicos específicos que legitime os professores, destaca-se aqui a formação contínua e o aperfeiçoamento teórico, além do prático; uma organização profissional reconhecida pelo Estado (nos moldes da OAB, no caso do direito); uma ética profissional orientada para a qualidade do ensino, ou seja, um código de conduta que oriente pessoal e profissionalmente o professor; a garantia de uma autonomia para o profissional docente e, por fim, a consciência de uma responsabilidade social pela qual o professor deve ser avaliado, em caso de erro.

Entretanto, é preciso destacar que hoje o que vemos é uma tentativa de profissionalização rasa e nos moldes capitalistas vigentes, fazendo com que os poucos ganhos conquistados na era do Ofício (melhores condições de trabalho, autonomia e estabilidade) sejam questionados e substituídos por concorrência, prestação de contas, responsabilização sem autonomia, salários instáveis e insegurança de forma geral.

Outra perspectiva a ser considerada sobre a formação da identidade profissional é a da autora Vera Maria Candau que destaca a importância na promoção de debates que incluam a responsabilidade de políticas públicas efetivas para a conclusão de um projeto educacional revolucionário que não só empodere o aluno, mas também libertador do professor e que supere a visão mercadológica, produtivista, acumulativa e fracionada dominante atualmente.

Candau valoriza um sistema de formação docente no qual sejam valorizadas a colaboração e parceria para a desconstrução do formato excludente atual, além da construção de uma visão pedagógica na qual a curiosidade, criatividade e a valorização do exercício crítico da Cidadania sejam bases, pois:

Nesta perspectiva, não concebemos os professores e professoras como super-heróis ou heroínas, salvadores da situação nacional, onipotentes, detentores de todos os conhecimentos de sua área específica e pedagógicos, nem como meros executores de currículos pré-estabelecidos e/ou consumidores de produtos pedagógicos (CANDAU, 2016, p. 316).

Destaca-se aqui, mais uma vez, a referência do docente como sobre-humano: ora onisciente, ora hábil a lidar com as produções elaboradas de forma vertical, com objetivos e por autores distantes das realidades da Educação Básica brasileira.

Obra relevante que também foi estudada para a articulação do tema proposto foi “PROFESSORES DO BRASIL: Novos Cenários de Formação (2019) composta em colaboração pelas autoras Bernardete Gatti, Elba Barretto, Marli André e Patrícia Almeida. O livro propõe que um dos grandes desafios de formar a identidade de professores e mesmo de pessoas em geral na sociedade do Twitter, Instagram e número máximo de caracteres, é que ensinar, educar e aprender requer tempo, recurso caro e raro atualmente.

As autoras pontuam que nas primeiras décadas do Século XXI houve de fato uma expansão dos direitos educativos e do acesso a diferentes níveis educacionais. O aumento do financiamento público e reconhecimento de direitos para populações “minoritárias” (indígenas, homossexuais, negros, mulheres, enfim) foram relevantes para a inclusão destes grupos no ambiente educacional, mas ainda não foram superadas as fortes desigualdades quanto à qualidade da Educação, principalmente se comparadas diferentes regiões do Brasil. Um exemplo da queda na competência de futuros professores são os cursos rápidos de licenciatura EAD, nos quais, a partir de exigências mínimas, um novo professor é formado e considerado apto a ser responsável por turmas de 30 a 40 alunos com histórias, angústias e níveis de aprendizado complexos e diferentes.

Além da qualidade dos cursos formadores, também devemos pontuar que muitos dos ingressantes (cerca de surpreendentes 50%) não chegam a concluir tanto licenciaturas mais curtas quanto as de 4 anos. Vemos aí uma necessidade de melhoria nas condições estudantis, para permanência desses futuros professores, que considerem a dificuldade da população maior de 18 anos em arcar com os custos do Ensino Superior (horas de estudo em que o estudante não está trabalhando, os deslocamentos, custo de materiais e alimentação, enfim). Assim, as autoras destacam a necessidade de políticas públicas efetivas que não só invistam, mas também orientem os gastos de modo a assegurar o retorno à sociedade e o fortalecimento da Educação Básica.

Sob uma perspectiva pessoal, segundo o estudo, a escolha do curso ainda hoje é tomada por se acreditar na educação como vocacional, sendo o “dom” um elemento determinante na escolha de futuros docentes. Devemos pontuar também a questão de gênero: maioria maciça dos estudantes de cursos de pedagogia são mulheres, dado que representa a continuidade da perspectiva sexista de que o “instinto materno” é elemento relevante na capacidade para o cuidado com crianças.

A atual representação do magistério como vocação pode contribuir para neutralizar a crescente importância que vem sendo atribuída aos saberes especializados, na medida em que procura resgatar o mundo dos afetos mais do que os aspectos associados às técnicas da profissão. (GATTI, 2019, p. 310).

As autoras concluem que, dentre os pontos a serem analisados para a melhoria da educação pública, estão a atribuição da devida importância histórica, social e

monetária à formação dos professores da Educação Básica; a melhoria nas dinâmicas formativas, com uma ação mais incisiva de órgãos públicos educacionais, na proposta de uma formação Inicial mais integrada e interdisciplinar; a aproximação das instituições acadêmicas das escolas básicas, proporcionando experiências reais aos futuros professores; investimento maciço em sistemas de apoio aos estudantes de licenciatura, bem como em bolsas de incentivo à projetos de formação e estágio; a eliminação de propostas imediatistas, com a consciência de que a educação é um plano de longo prazo; a consideração das dificuldades que uma formação cuidadosa e de qualidade representam no mundo capitalista e industrial; a percepção e consideração a justiça social e a universalidade; o incentivo à formação continuada.

Sobre a questão identitária, nos apoiamos nos estudos Claude Dubar, sociólogo francês que expõe sobre a difícil tarefa de identificar os processos de construção social aliado às trajetórias individuais, em entrevistas. Tarefa que também, em parte, nos propomos aqui. Em seu artigo “Trajetórias sociais e formas identitárias: alguns esclarecimentos conceituais e metodológicos” de 1998, Dubar apresenta dois diferentes sentidos relacionados à "identidade" dentro da sociologia: o processo identitário individual que:

[...] é, geralmente, apreendido a partir de produções de linguagem do tipo "biográfico" e diz respeito às diversas maneiras pelas quais indivíduos tentam dar conta de suas trajetórias (familiares, escolares, profissionais...) por meio de uma "história", no intuito, por exemplo, de justificar sua "posição" em dado momento e, às vezes, antecipar seus possíveis futuros. (DUBAR, 1998)

Ou seja, uma narrativa construída individualmente com base nas experiências particulares e descritas pelo sujeito em questão, um conjunto de narrativas subjetivas que o autor propõe caracterizar como identidade para si". O segundo sentido envolve uma rede mais ampla de atores que levam em conta o contexto social em que o sujeito está inserido e é nominado como “quadros de socialização”.

[...] identificar um indivíduo num dado espaço social (o que eu mesmo chamei de "identidade estrutural" ou "identidade para outrem"), as categorias do discurso do indivíduo definindo-se do ponto de vista de outrem. (DUBAR, 1998)

Ainda sobre o aspecto identitário da construção docente podemos considerar a “essência individual”, uma categoria psíquica constituída na primeira infância que antecederia a interferência social que, então, atua posteriormente sobre o inconsciente do indivíduo. Em sentido oposto há aqueles que descreditam a agência do “self” e defendem que é o ambiente a que o indivíduo é exposto ao longo dos diferentes ciclos de vida que moldam a construção das identidades singulares “para unificar suas existências e tentar fazer valer sua pretensão em um ou outro campo da prática social” (DUBAR, 1998).

Com base no conceito de “trajetória subjetiva”, a narrativa extraída pelo(a) pesquisador(a) ao longo da entrevista e através da sua análise, é possível estabelecer sentidos na forma como é construída a argumentação do indivíduo quando narra a intervenção de si e sobre si dos diferentes agentes sociais (família, escola, profissão, relações). Importante ressaltar que as categorias e formas identitárias baseadas nas trajetórias objetivas e subjetivas são instáveis e influenciadas pelos diferentes contextos sociais.

Outro autor que se destaca na construção identitária é José Carlos Morgado no texto “Identidade e profissionalidade docente: sentidos e (im)possibilidades”, ensaio de 2011. Aqui temos um trabalho focado na “identidade” específica do profissional da educação, considerada um dos três pilares (bem como competências profissionais e cultura profissional) fundamentais para a construção de sua profissionalidade.

A partir das alterações no nível de exigência docente flagrantes nas últimas décadas (exigência de ensino superior, por exemplo), na construção da identidade do professor, ganhou destaque a linha de atuação do ensinar a aprender em detrimento de uma educação conteudista privilegiada até recentemente. O cenário pandêmico que influenciou sobremaneira o contexto educacional entre 2020 e 2021 deixou claro que informação e conhecimento não são sinônimos, valorizando o saber didático característico da profissão docente como explicitado:

Neste caso, o professor é visto como um profissional do ensino, capaz de fazer a mediação entre o saber e o aluno, sendo esta uma característica que o distingue de outros atores, que embora possam possuir saberes conteudinais não são detentores dessa capacidade, que constitui a profissionalidade docente. (MORGADO, 2011, p. 797)

A importância do desenvolvimento de uma identidade profissional docente também passa pela apropriação de culturas, valores e práticas específicos do ambiente escolar, admitindo que o professor(a) pertença à um grupo, “já que o processo de construção da sua identidade não pode concretizar-se à margem da diversidade de relações que estabelece com os seus pares” (MORGADO, 2011) ainda que não se possa ignorar que a construção desta identidade docente seja influenciada diretamente pelos valores e experiências de cada sujeito assumindo uma flexibilidade e mutabilidade de acordo com contextos distintos vividos pelo professor, daí a fala em “múltiplas identidades” parece ser mais coerente.

A seguir discutiremos sobre como nos embasamos teoricamente para a construção da análise das informações coletadas.

#### **4 A PERSPECTIVA SÓCIO-HISTÓRICA E AS CATEGORIAS DE ANÁLISE**

Seguir a perspectiva do Materialismo Histórico-Dialético parece inevitável no estudo de realidades dentro da sociedade atual, buscando nos afastar de dicotomias rasas do “senso-comum”, além de ressaltar críticas imprescindíveis ao sistema vigente. A abordagem marxista se faz fundante nesta pesquisa, pois compreende os movimentos históricos intrínsecos à sociedade que moldam nossos cotidianos e são, muitas vezes, naturalizados em detrimento da busca revolucionária.

Educar é, por si só, um ato revolucionário. Fato que torna professores, linha de frente no processo, agentes muito perigosos para a manutenção do status quo, mas apenas quando conscientes do sentido da sua profissão. O MHD nos oferece ferramentas importantes para tal construção crítica compromissada com a sociedade: as categorias de análise.

É possível afirmar que as categorias são abstrações teórico-metodológicas desenvolvidas para auxiliar na compreensão dos fenômenos sociais estudados. Em uma estrutura dialética, elas determinam e são determinadas pela realidade histórica. Existem várias categorias de análise, nesta dissertação nos aprofundaremos em algumas específicas que foram conscientemente escolhidas pela pesquisadora no intuito de estabelecer um vínculo coerente com a temática estudada. São elas: totalidade, historicidade, contradição, trabalho, sentido e significado.

Iniciando pela categoria da dialética marxista das mais relevantes para este estudo, a totalidade, identificamos que ela nos permite compreender o contexto geral dos objetos de análise, sem o qual o fenômeno estudado perde sua complexidade. A realidade é formada por relações e não apreender o todo, significa não apreender também o individual.

Entendendo que tudo e todos se constroem constantemente, devemos considerar a categoria historicidade na análise das condições que formam a realidade e os sujeitos estudados. É impossível a compreensão de qualquer fenômeno social se não levarmos em conta o desenvolvimento das condições que levaram ao fenômeno, ao pensamento, ao indivíduo e suas relações.

Os homens fazem sua própria história; contudo, não a fazem de livre e espontânea vontade, pois não são eles quem escolhem as circunstâncias sob as quais ela é feita, mas estas lhes foram



transmitidas assim como se encontram (MARX, 1848-1852/ 2011, P. 25).

A categoria contradição está intimamente relacionada à totalidade e também será utilizada ao longo da análise uma vez que a realidade se movimenta justamente a partir das suas intrínsecas e constantes contradições, a lógica dialética da história se constrói aí. Construímos a noção de “realidade” nos baseando em comparações com o que ela não é ou poderia ser.

Também imbricada ao longo de grande parte da dissertação está a categoria trabalho como fundamental para a compreensão das relações da nossa sociedade. Na condição em que são estabelecidos os parâmetros capitalistas, o trabalho atua como fundante do ser socializado no seu sentido pessoal e nas relações que estabelece.

O trabalho, além de estar presente de várias formas, direta ou indiretamente na realidade, na perspectiva do método materialista histórico-dialético, ou seja, do ponto de vista da ontologia do ser social, relaciona-se de uma ou mais formas com todas as outras categorias. E não é qualquer relacionamento mecanicista ou positivista: é um relacionamento ontológico - as outras categorias dependem ontologicamente da categoria trabalho para vir a existir. (MAGALHÃES, 2021, p. 174)

A respeito da categoria “sentido-significado”, nos embasamos na análise das significações introduzida por Vygotsky e seu pensamento científico. Como demonstra González Rey (2007), percebe-se destaque nas reflexões de “*Pensamento e Linguagem*” sua especial atenção aos processos que relacionam pensamento, palavra e linguagem. Tal análise, que tem a consciência como um todo e será valiosa ao longo do estudo das entrevistas, permite o desenvolvimento da categoria de sentido que relaciona o cognitivo e o afetivo.

O sentido de uma palavra é o agregado de todos os fatos psicológicos que aparecem em nossa consciência como resultado da palavra. O sentido é uma formação dinâmica, fluida e complexa, que tem várias zonas que variam na sua estabilidade. O significado é apenas uma dessas zonas do sentido que a palavra adquire no contexto da fala. Ele é o mais estável, unificado e preciso dessas zonas. Em contextos diferentes, o sentido da palavra muda. Em contraste, o significado é comparativamente um ponto fixo e estável, ele se mantém estável com todas as mudanças do sentido da palavra que estão associados ao seu uso em diferentes contextos. (VYGOTSKY, 1987, pp. 275-276)

Ou seja, o sentido é fluido e varia de acordo com o contexto em que está inserido e o conjunto de características sócio-históricas que compõem quem o transmite. Concluimos, portanto, que as partes (pensamento, linguagem, fala, personalidade e consciência) serão melhor compreendidas quando analisadas em conjunto. Assim, na perspectiva de análise proposta por Vygotsky, e que utilizaremos nesta pesquisa, o sentido e o significado são processos diferentes que se articulam de formas variadas dentro do entendimento do sujeito, em outras palavras, mesmo que os significados possam representar formas de expressão de sentido, essa relação não é direta ou automática.

A categoria de sentido subjetivo, mesmo tendo sua origem na categoria de sentido de Vygotsky, diferencia-se dela por enfatizar a unidade do simbólico e emocional como via de integração da experiência social do sujeito, o que não acontece apenas por experiências objetivas pontuais, e muito menos norteadas por objetos, mas representam novas produções em relação com as experiências vividas, as que são inseparáveis da organização subjetiva dos sujeitos e dos múltiplos contextos em que acontece sua vida social. (GONZÁLEZ REY, 2007, p. 175)

Importante ressaltar que, embora estejamos separando-as para um efeito didático explicativo, é impossível utilizá-las individualmente uma vez que se interseccionam e se influenciam a todo momento em um movimento dialético imprescindível à pesquisa.

Finalizamos por identificar, após a revisão da literatura sobre a formação da identidade profissional docente, que ainda hoje às práticas de sucessos no âmbito educacional têm muito mais de esforços pessoais sobre-humanos do que políticas públicas efetivas. Os obstáculos culturais e sociais se tornam permanentes, na medida em que a profissão docente é, de forma hipócrita e contínua, marginalizada e ao mesmo tempo responsabilizada pelo futuro sombrio do país. Torna-se, pois, relevante o aprofundamento na questão imagética sobre o professor, tanto em um sentido autocrítico quanto num sentido mais amplo que busque por alternativas comunitárias para a melhoria na Educação brasileira, foco da pesquisa que propomos através dos métodos apresentados a seguir.

## 5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Em razão de a ciência, como um todo, vir sendo tão questionada ultimamente, acredita-se ser necessária uma conceituação daquilo que estabelece os parâmetros para conclusões baseadas na lógica e no pensamento racional: o método. É isso que vai estabelecer e garantir ordem e estruturação lógica à pesquisa. Goldenberg (2009) infere que a metodologia ensina o pesquisador a ter um olhar crítico e científico, desenvolvendo nele o pensamento imaginativo e didático. Ainda sobre a conceituação de Metodologia temos que é o “[...] estudo dos caminhos usados para se fazer ciência” (DEMO, 1995, p. 11), além de promover questionamentos relevantes sobre os limites da própria ciência e sua aplicabilidade. O questionamento, filho do pensamento crítico, deve ser sempre o principal método da pesquisa.

O processo metodológico, de acordo com Severino (2007), refere-se aos instrumentos ou práticas escolhidos pelo pesquisador. De acordo com o autor, “A ciência se faz quando o pesquisador aborda os fenômenos aplicando recursos técnicos, seguindo um método e apoiando-se em fundamentos epistemológicos” (SEVERINO, 2007, p.100). Castro (1977) vai além, afirmando que a metodologia, quando aplicada corretamente, impede que a pesquisa seja imbuída de ambiguidades, uma vez que o método deve impossibilitar o ponto de vista pessoal e subjetivo.

Existem ainda linhas diferentes de metodologias para pesquisa: a Quantitativa e a Qualitativa. A primeira objetiva resultados e interpretações com validade estatística, levando em consideração informações, em sua maioria, numéricas. A segunda linha procura analisar sentimentos e percepções, elementos subjetivos, nos quais o foco é compreender como o objeto da pesquisa se comporta, ao invés de medi-lo.

Este trabalho se enquadra na segunda linha de pesquisa (Qualitativa), uma vez que buscará compreender a interpretação dos participantes (professores da educação básica) sobre as realidades experienciadas, questionando-os e motivando-os a pensar seu próprio processo formativo. Assim, se constituirá a partir de uma perspectiva qualitativa, que considera a subjetividade do sujeito, seu contexto e sua vivência. Como coloca Minayo (2017):

A pesquisa qualitativa (...) trabalha muito menos preocupada com os aspectos que se repetem e muito mais atenta com sua dimensão sociocultural que se expressa por meio de crenças, valores, opiniões,

representações, formas de relação, simbologias, usos, costumes, comportamentos e práticas (MINAYO, 2017, p. 2).

Dando a devida importância à manutenção da ética no desenvolvimento acadêmico no que tange à consulta e contato com seres humanos, o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UNITAU foi consultado, analisou e aprovou o contato com os participantes de forma livre e independente. Os critérios de seleção dos voluntários, coleta e análise dos dados serão explicitados a seguir.

### **5.1. Participantes**

Com o intuito de esclarecer sobre as significações associadas à figura docente, o trabalho foi focado no universo da Educação Básica, especificamente, a pesquisa contou com a participação de sete professores que lecionam atualmente no Ensino Fundamental II (Anos Finais), considerados especialistas em suas respectivas disciplinas de diferentes campos do conhecimento e, segundo os critérios de Huberman (1992), no período da estabilização ou diversificação na docência (entre 5 e 15 anos de experiência).

Como já descrito, não se pretende aqui atingir conclusões definitivas ou generalistas sobre as significações de professores sobre a docência, mas dar luz ao tema pelo olhar crítico da atualidade. Assim, se justifica a escolha por um grupo relativamente pequeno de professores graduados e licenciados em áreas específicas (muitas vezes com dois ou mais diplomas de ensino superior), com garantida experiência no meio acadêmico e docente, com base sólida de vivência e reflexão sobre a profissão sem, ainda, atingir a fase do “desinvestimento” (HUBERMAN, 1992). Com essas características, acreditamos que o grupo demonstra confiança ao discutir seu papel social e a visão que sua comunidade tem sobre ele, respondendo se, na sua perspectiva, de fato existe uma expectativa que o professor seja como um “herói” e suas consequências para a Educação Básica no Brasil.

O contato com possíveis voluntários foi feito, primeiramente, por meio de mídias sociais ou de comunicação como o *Whatsapp*, em busca de docentes que sigam os critérios acima retratados. Com a finalidade de se estabelecer uma pré-seleção, a pesquisadora distribuiu por grupos de escolas da sua própria lista de contatos o *link* com o acesso à um formulário (Apêndice A), associado à uma mensagem de incentivo para

que o *link* fosse repassado a outros colegas, seguindo a prática do “Snowball”, que será detalhada adiante.

Destacamos que o formulário contém no início o termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) aprovado pelo CEP-UNITAU (Parecer nº 5.292.754), com a opção de participação ou não da pesquisa. Espera-se deixar claro todas as etapas a serem observadas para que o sujeito possa se manifestar de forma autônoma e consciente. Uma vez reunidos os participantes com consentimento para a pesquisa, foram agendadas entrevistas semiestruturadas, seguindo a disponibilidade individual de cada docente, bem como todos os protocolos de segurança necessários em tempos de flexibilização das restrições epidêmicas (2022).

Levando em conta que a pesquisa em ciências humanas e sociais exige respeito e garantia do pleno exercício dos direitos dos participantes, foram tomados todos os possíveis cuidados na concepção e prática do processo, procurando evitar eventuais danos aos participantes, sejam eles materiais ou morais. Deste modo, foi esclarecido ao participante que a pesquisa busca a uma avaliação cuidadosa e autocrítica da sua formação docente e tal processo pode levar a considerações de natureza pessoal e sensível, tendo garantidos, nos termos da Lei, o direito de ser reparado ou indenizado por qualquer malefício que a pesquisa, inadvertidamente, tenha causado. No entanto, não houve casos de desconforto dos convidados e os procedimentos seguiram segundo o planejamento.

Foi também explicitado que os benefícios da participação na pesquisa incluiriam uma reflexão saudável sobre a formação e trajetória profissional, a revisão de práticas e responsabilidades docentes que apoiem o cotidiano, a contribuição acadêmica para a evolução das discussões sobre o papel docente, o aprofundamento da análise da representatividade docente perante a sociedade, a contribuição para o pensamento crítico a respeito das influências sociais sobre a prática e desenvolvimento docente.

Cabe pontuar que encontramos dificuldades inesperadas na adesão de participantes. O número idealizado no projeto era de dez entrevistados, porém, mesmo enviando o formulário para aproximadamente 100 docentes, apenas 15 responderam, dos quais 7 cumpriam os requisitos para a pesquisa e demonstraram interesse em conceder entrevistas. Devido à necessidade de cumprirmos com o cronograma previsto

para a pesquisa e por acreditar que as informações até então recolhidas eram satisfatórias para a análise, optamos por reduzir o número inicialmente proposto de dez para sete participantes. Foram entrevistados docentes dos três principais campos de conhecimento, haja visto: Exatas, Biológicas e Ciências Humanas, distribuídos nas especialidades de Matemática, Biologia, Geografia e História. A participação livre e individual foi analisada por meio dos instrumentos dispostos a seguir.

## 5.2. Instrumentos para coleta das informações

Um projeto só pode ser considerado confiável a partir do momento que utiliza processos e meios para obtenção de dados precisos e pré-estabelecidos. Os cinco instrumentos mais utilizados para a coleta das informações na pesquisa qualitativa são: questionários, entrevistas, observação direta, registros institucionais e grupos focais. Levando em consideração o porte do projeto (relativamente pequeno), buscando atender os parâmetros investigativos da linha escolhida e abordar os convidados de forma segura, física e emocionalmente, empregamos dois deles: o questionário e a entrevista semiestruturada individual.

O questionário *online*, elaborado através da plataforma *google forms*, foi utilizado para a caracterização formal do convidado, coleta de informações, exposição e oportunidade de aceite do TCLE, assim como prospecção inicial sobre o interesse e disponibilidade para a participação de entrevista individual posterior. A respeito do uso de ferramentas virtuais como parte integrante da pesquisa e coleta de informações, Faleiros *et al.* afirmam que:

Esse crescente uso da internet em todas as faixas etárias, tem instigado os investigadores a desenvolverem questionários virtuais como um método alternativo para a obtenção de respostas em pesquisas científicas. O ambiente virtual proporciona, de forma flexível e dinâmica, a formação de redes de pessoas que compartilham ideias e experiências em comum. (2016, p. 2).

Objetivamos, com tal ferramenta, considerar o perfil sociodemográfico dos participantes, uma vez que o contexto de desenvolvimento pessoal também contribui

para a formação profissional, bem como o grupo de palavras que o professor ou professora em questão identifica como relevantes para resumir a sua percepção sobre a profissão e papel na sociedade.

O questionário em sua totalidade, encontra-se no “Apêndice A” deste documento para posterior análise e foi distribuído para os participantes, inicialmente conhecidos pela pesquisadora, através de mensagem de texto pelo *Whatsapp* contendo o link com acesso ao formulário. Os participantes foram encorajados a repassar o formulário inicial a outros grupos escolares, seguindo a prática da amostra em bola de neve, ou “*snowball*”, que é uma técnica de amostragem que se utiliza de redes de referência, se construindo da seguinte maneira: para o início da pesquisa utilizamos “informantes-chaves”, também conhecidos como “sementes”, professores e professoras conhecidos pela pesquisadora que seguem o critério de inclusão selecionado (docentes atuantes no Ensino Fundamental Anos Finais e entre 5 e 15 anos de experiência no campo educacional), a fim de localizar algumas pessoas com o perfil necessário para a pesquisa, dentro da população geral. Isso acontece porque uma amostra probabilística inicial é impraticável, e assim as sementes possibilitaram à pesquisadora aumentar a rede de contatos. Em seguida, foi solicitado que as “sementes” enviassem o link do formulário inicial para novos contatos com as características desejadas, a partir de sua própria rede pessoal, e assim sucessivamente. Dessa forma, o quadro de amostragem cresceu até atingir 7 voluntários dispostos tanto a responder o formulário, quanto a ceder uma entrevista posterior.

Partimos para a segunda fase da pesquisa na qual agendamos, seguindo a disponibilidade e preferência (modelo presencial ou online) de cada um dos 7 voluntários uma entrevista semiestruturada, pessoal e individual. A entrevista é um instrumento constantemente utilizado para a coleta de informações subjetivas características de uma pesquisa Qualitativa, na qual compreende-se que algumas informações não podem ser obtidas por meio da análise literária ou de observação. Desta forma, optamos pela entrevista semi estruturada que consiste em um modelo mais flexível, ou seja, possui um roteiro preparado previamente de questões abertas, mas permitindo um diálogo entre pesquisadora e convidado no qual existam perguntas fora do dito roteiro principal (Apêndice B), complementando e aprofundando a qualidade das informações com outros pontos relevantes e circunstanciais do momento da entrevista.

Optamos por tal instrumento, com base na literatura a respeito, por ele permitir a compreensão em nível mais complexo das significações que o professor ou professora faz de si mesmo e seu papel na sociedade, o que os docentes entendem serem as expectativas sociais sobre o seu trabalho, bem como se tais expectativas são compatíveis às condições cotidianas oferecidas para a atuação profissional. Segundo Duarte (2004), a respeito do potencial das entrevistas em pesquisas qualitativas:

[...] permitirão ao pesquisador fazer uma espécie de mergulho em profundidade, coletando indícios dos modos como cada um daqueles sujeitos percebe e significa sua realidade e levantando informações consistentes que lhe permitam descrever e compreender a lógica que preside as relações que se estabelecem no interior daquele grupo, o que, em geral, é mais difícil obter com outros instrumentos de coleta de dados (DUARTE, 2004, p. 215).

Objetivamos perceber as motivações que levam os diferentes indivíduos a escolherem (e permanecerem) na carreira docente e suas expectativas iniciais de reconhecimento e/ou valorização social. Procuramos também identificar a influência que o contexto político vigente causa na autoimagem do professor, no que tange às suas responsabilidades ao longo do ano letivo e compará-las às condições disponíveis para atingir as expectativas de produtividade exigidas pela comunidade. Por fim, consideramos importante procurar observar a agência de políticas públicas atuais que contribuem positiva ou negativamente para a formação da identidade profissional.

Devido ao cenário pandêmico e conforme previsto no projeto inicial, houve diversidade quanto à escolha de contato para a realização das entrevistas. Do total de participantes, 6 optaram pelo modelo presencial, realizadas em ambientes públicos escolhidos pelo voluntário, e 1 pelo online que foi viabilizado pela plataforma *google meet*, também de acordo com a preferência individual do entrevistado, uma vez que em 2022, com a vacinação, as restrições ao contato físico foram flexibilizadas.

### **5.3. Procedimentos para análise**

Ao longo dos estudos e discussões nas aulas de Metodologia da Pesquisa em Educação, pudemos compreender que a pesquisa acadêmico-científica é composta por



um ciclo e uma forma específica de desenvolvimento para que seja considerada confiável. Minayo, define de forma poética que a pesquisa:

[...] é um labor artesanal, que não se prescinde da criatividade, [...] se constrói com um ritmo particular. A esse ritmo denominamos ciclo de pesquisa, ou seja, um processo de trabalho espiral que começa com um problema ou uma pergunta e termina com um produto provisório capaz de dar origem a novas interrogações. (MARCONI, 1990, p.15; apud. LAKATOS, 1994, p. 26).

Com o objetivo claro de incentivar essas novas interrogações, instigar um maior pensamento crítico e contribuir para o desenvolvimento de um coletivo esforço investigativo se constrói este trabalho, entendendo que, em concordância com Severino, a pesquisa científica quando bem utilizada e construída, absorve caráter social:

Esta exigência de uma significação política englobante, implica que, antes de buscar-se um objeto de pesquisa, o pós-graduando pesquisador já deve ter pensado o mundo, indagando-se criticamente a respeito de sua situação, bem como da situação de seu projeto e de seu trabalho nas tramas políticas de qualquer realidade social. (SEVERINO, 2007, p. 15).

Nos baseando em pesquisadores do âmbito acadêmico, procuramos aqui especificar alguns dos pontos relevantes para a construção minuciosa deste “ciclo de pesquisa”. Além da natureza Qualitativa, já explicitada ao longo do texto, nos debruçamos agora sobre a epistemologia, ou seja, a forma como o objeto será interpretado.

Quanto aos procedimentos, optamos pela entrevista semiestruturada, em que coletamos informações por meio da transcrição das falas dos voluntários. Entendemos como um método relevante aos objetivos do presente trabalho por ser possível interagir mais livremente com os participantes enquanto eles discorrem sobre suas vivências. De acordo com Severino (2007, p.120), é uma forma de a pesquisadora “colocar-se numa postura de identificação com os pesquisados”. Já para Apolinário (2011, p. 149), é um modelo que “utiliza como técnica de investigação a observação”.

Finalizando a descrição metodológica, temos a análise das informações coletadas. Para tal, utilizamos a perspectiva explicativa, segundo a qual buscamos

especificar se existem fatores (e, se sim, quais são) que contribuem para a formação de uma ideia sobre a figura docente, quando associado ao padrão “heroico”, bem como suas consequências para o ambiente educacional.

Utilizamos, para tal empreitada, a metodologia da análise de núcleos de significação (AGUIAR; OZELLA, 2006, 2013), como instrumento de compreensão da subjetividade característica do ser humano frente à sua realidade, além das interpretações e conclusões geradas a partir de tal realidade. Auxiliados por Vygotsky e Aguiar, buscamos compreender os sentidos e significados presentes nas transcrições das entrevistas, para, assim, discutir a dimensão histórico-dialética da percepção social a respeito da figura docente e construir um conhecimento científico coerente para a referida pesquisa. Sobre o processo de construção dos núcleos de Significação, temos:

A constituição do núcleo de significação já corresponde a uma abstração maior, pois é um momento em que os indicadores e seus conteúdos (pré-indicadores) se articulam dialeticamente com vistas à exposição de uma nova síntese. [...] Isso posto, o(s) núcleo(s) de significação deve(m) expressar um movimento analítico de superação dos momentos anteriores (o movimento de constituição dos pré-indicadores e indicadores). (AGUIAR, ARANHA, SOARES, 2021)

A ligação pessoal e profissional da pesquisadora com a ciência histórica, fez ser impossível nos distanciarmos de uma análise materialista do cenário educacional. Assim, foi nosso objetivo, com tal processo metodológico, compreender a multiplicidade dos docentes entrevistados nas variadas facetas (por vezes contraditórias) que constroem seu contexto formativo como professor(a) e como isso influencia na sua interpretação dialética da Educação.

Destacamos a importância da associação de categorias de análise seguindo a perspectiva do materialismo histórico-dialético marxista, linha que esta pesquisadora acredita ser imprescindível na compreensão não só da educação, mas da sociedade como um todo. Assim, a categoria “totalidade” é compreendida como uma das mais importantes, uma vez que nos leva a perceber o todo em que cada sujeito está inserido. A dificuldade em manter tal categoria como um conceito dialético (KOSIK, 1976) será observada com especial atenção. Entendemos também que outras categorias como “sentido/significado”, no contexto de produzir sentido às falas coletadas durante as

entrevistas, e “historicidade”, também constam como relevantes para o estudo aqui apresentado, uma vez que nos permitem analisar a realidade docente que transita entre o possível e o utópico, conceitos tão presentes no cotidiano escolar.

A interseccionalidade entre as categorias utilizadas ao longo das análises deixa claro que é impossível utilizá-las separadamente, ocasionando inter-relações características do movimento dialético que molda a construção do conhecimento científico.

## 6 ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES

Devemos iniciar o capítulo deixando claro que se expressa aqui o esboço de uma análise que será desenvolvida em breve, mas acreditamos que o caminho a ser percorrido já foi iniciado e merece avaliação. Assim, cabe destacar que foram entrevistados 7 professores de acordo com os critérios de inclusão explicitados anteriormente, a saber: docentes que atuem na Educação básica, mais especificamente no Ensino Fundamental II, com 5 a 15 anos de experiência. A seguir faremos uma breve apresentação dos voluntários, sempre lembrando que, de acordo com as normas éticas aprovadas pelo CEP-UNITAU os nomes utilizados são fictícios, visando preservar a privacidade dos participantes.

Nome	idade	gênero	Escola	Graduação	Visão sobre a graduação	Área do conhecimento
Alice	29	feminino	particular	pública	importante	História
Laerte	38	masculino	pública	pública	importante	História
Leandro	30	masculino	particular	pública	Muito importante	Biologia
Nilce	36	feminino	pública	particular	importante	Geografia
Fábio	34	masculino	Particular	pública	importante	Biologia
Silvia	NR	feminino	pública	pública	importante	Matemática
Márcia	35	feminino	pública	pública	Muito importante	História

Foi um objetivo consciente entrevistar docentes de diferentes áreas do conhecimento, imaginando que as formações acadêmicas de alguma forma influenciam na construção de um pensamento crítico distinto. Tal tese foi em certa medida confirmada ao longo das entrevistas, tendo sido perceptível que os professores formados nas chamadas “Ciências Humanas” apresentaram discursos consideravelmente mais críticos à situação atual da Educação brasileira, bem como teorias que explicassem a

falta de determinadas políticas públicas e propostas que, em sua visão, auxilia a solucionar impasses presentes. As diferenças na construção de um pensamento crítico coletivo para a classe docente como profissional é um tema amplo e poderá ser discutido com maior rigor em uma próxima pesquisa.

Por enquanto, nos focamos em procurar expressões nas falas dos entrevistados que indiquem a relação entre o papel docente e a figura idealizada do herói e se ou como ela foi construída. Para tal, utilizaremos como ferramenta de análise das entrevistas a metodologia de Núcleos de Significação que contribui para o processo de análise dos sentidos. Quer dizer, a compreensão do sujeito na profundidade e fluidez que o cercam.

Apoiados por autores como Aguiar e Ozella (2006), defendemos que a construção do sujeito, bem como suas percepções e atitudes perante o seu universo, é indissociável do processo histórico que o rodeia em uma relação contínua e dialética, tese-antítese-síntese, na qual a base (ou infraestrutura) sustenta ao mesmo tempo em que é alterada pelo pensamento (ou superestrutura), em uma leitura marxista da História.

Assim, a utilização de um novo método que possa explicar e construir o fenômeno, em seu processo histórico, embasado também na reflexão metodológica de Vigotsky (2004), se faz justificável, ainda que complexa. Para que seja possível realizar tal análise nos confrontamos com a necessidade de seguirmos alguns preceitos fundamentais. De início, a priorização dos processos e não os resultados entendendo que o objetivo da pesquisa é entender como se construiu a relação entre professor e herói que nos propusemos a estudar, “fazendo com que o processo retorne aos estágios iniciais” (VIGOTSKY, 2004, p. 64). É imprescindível, também, voltar a Marx quando, no *Capital*, escreve que “toda ciência seria supérflua se houvesse coincidência imediata entre a aparência e a essência das coisas (...)”, assim, é preciso ir além da descrição para que seja possível alcançar a essência do pensamento expresso nas falas dos entrevistados, pois, como expressa Vigotsky (2007, p. 66), “o tipo de análise objetiva que defendemos procura mostrar a essência dos fenômenos psicológicos em vez de suas características perceptíveis”. O último, e na visão desta pesquisadora, mais complexo preceito a que devemos nos atentar para uma boa análise por Núcleo de Significados diz respeito ao “comportamento fossilizado”. É fato que a rotina repetitiva do cotidiano e das relações sociais acaba por naturalizar, mecanizar alguns comportamentos que

perdem sua essência original. Quebrar a barreira da aparência nesses casos requer especial atenção.

O instrumento da entrevista, utilizado ao longo deste trabalho, se mostra útil na medida em que possibilita o contato da pesquisadora com os processos psíquicos fundamentais que nos aproximam das zonas de sentido, ou seja, não só a aparência do entrevistado, relevante como o ponto de partida para a apreensão dos sentidos, mas também suas contradições e conflitos sobre a atividade docente.

A maioria das entrevistas foi realizada presencialmente, em locais públicos como cafés da cidade de São José dos Campos, sendo apenas uma no modo online através da plataforma *Google meet* por preferência do voluntário. É relevante salientar nossa crença de que o modo remoto não prejudicou em nada as considerações e análises da entrevista.

Uma vez terminados os encontros, iniciou-se o lento e importante processo de transcrição que, apesar de exaustivo, foi de extrema importância para a familiaridade entre a pesquisadora e o conteúdo das entrevistas. Como exposto por Vigotski em diferentes ocasiões, entendemos que as palavras são repletas de significados construídos a partir de processos históricos, ou seja, “ao mesmo tempo em que as falas são de quem as profere, também são sociais” (MAGALHÃES, 2021). Assim, ao nos debruçarmos sobre o conteúdo das entrevistas, nos aproximamos das subjetividades que compõem os entrevistados de forma mais profunda e complexa.

A análise, portanto, já se dá numa leitura minuciosa e consciente que procura identificar as tensões e contradições das falas, sempre atentos a fugir das dicotomias e maniqueísmos, mas sim nos aprofundar no complexo emaranhado de subjetividades que é o pensamento humano, especialmente quando confrontado com as dificuldades da sua própria prática docente. Como resultado desta primeira análise, um grupo de frases significativas, trechos retirados diretamente das falas dos voluntários e consideradas relevantes ao tema estudado, foram separadas formando o que chamamos de “pré-indicadores”. Seguem alguns exemplos.

*Por acreditar mesmo no papel da educação, num sentido de que escolher educação é para pessoas que são esperançosas, que esperam de alguma forma. De colocar em prática e querer*

*mudança. Quando eu entrei na sala de aula eu tinha, nossa, uma inspiração e um desejo de mudar o mundo! (NILCE, 35)*

*(...) essas palavras “herói, dom, vocação” elas são muito bonitas para escrever né? Elas acabam sendo usadas para esconder problemas geralmente negligenciados do serviço público em cima da educação. (LAERTE, 38)*

*Então eu gosto dessa ideia de que eu vou explicar de uma maneira diferente e a pessoa vai entender. (...) Eu tenho muitas características próprias de professor. (LEANDRO, 30)*

Posteriormente, aglutinamos os trechos por similaridade em temas mais amplos que denominamos indicadores. É importante aqui destacar que cada grupo de pré-indicadores foi intitulado pela pesquisadora de modo a traduzir a temática retratada a ser estudada. Os títulos passarão a ser chamados de Indicadores, como explicitado pelas tabelas a seguir.

Pré-Indicadores	Indicador
<p>...por ser uma profissão tão desvalorizada [...] eu tinha a expectativa de ser uma vida mais confortável do que realmente é. Então eu acho que assim, a educação no brasil como um todo, ela é vista como um custo e não como um investimento [...]. Tudo na escola é muito difícil de conseguir, então verbas de maneira geral, e isso faz com que você, obviamente, como professor, não seja <b>prioridade</b> [...] se sente como alguém que não é importante, que o trabalho não é importante. É uma desvalorização moral da profissão, não só financeira. A escola virou depósito. (LAERTE)</p>	
<p>Eu acho que o <b>volume de trabalho</b> burocrático (é gigante) [...] o processo no contra turno de preparação, de estudo, de elaboração, de... enfim, é um processo que é muito importante, muito importante, mas ele não é remunerado. [...] O professor, na verdade, é sempre esquecido, sempre esquecido e a gente só consegue motivar os alunos se a gente estiver motivado, mas nunca é <b>prioridade</b>. (NILCE)</p>	
<p>é muito injusta a maneira como a carga de trabalho é disposta e a maneira como somos precarizados né? Porque é por hora aula e a gente trabalha muito fora de sala, então acho que essa <b>desvalorização</b> é para além da maneira como a população vê a profissão, mas também a maneira como somos remunerados, [...]. Tenho que trabalhar muito em casa, eu diria até que se você for fazer uma média, pelo menos 50% do tempo que eu fico em sala, eu também fico em casa trabalhando sem carteira e não remunerada. Eu sinto que eu tenho uma dificuldade muito grande com autoridade, eu não sou uma pessoa muito que inspira autoridade por <b>ser mulher</b>, por idade, mas também por perfil. (ALICE)</p>	

<p>Você vê que realmente tem muita diferença, tipo tem alguns papéis que eu tenho que exercer e tem alguns papéis que não posso me meter [...]. Muita gente pensa que o professor é aquele que vai <b>consertar tudo</b> que chega para ele, seja falta de conteúdo, seja falta de caráter, seja dificuldades emocionais e isso é um grande problema porque muito professor vai lá e quer abraçar, mas pô, é uma pessoa.</p> <p>Muito do que o professor faz tá fora da sala [...] Tá sempre rotacionando, mudando o material, então isso complica porque numa aula bem elaborada, diria que demora umas duas horas [...] E todo ano os colégios querem que a gente mude o como dar aula, aplicar prova, cobrar atividade, tudo. (LEANDRO)</p>	<p>Dificuldades intrínsecas à docência</p>
<p>Desinteresse do aluno. É a primeira dificuldade que eu vejo, <b>eles não querem estudar</b>. Principalmente quando é matemática.</p> <p><b>um currículo grande</b> e a gente não poder experimentar um pouquinho mais.</p> <p>Eu penso bem que a dificuldade é que a gente tem muito trabalho extra, a gente é muito diferente de uma pessoa que trabalha em uma fábrica [...] Aí depois que a gente faz a prova, a gente tem que corrigir a prova, então tudo isso envolve trabalho extraclasse, isso é exaustivo. É às vezes impossível!</p> <p>[...] eu sinto falta de, por exemplo, tempo com colegas onde a gente possa trocar experiências e isso falta, muito! (SILVIA)</p>	
<p>A dificuldade é a <b>quantidade de matéria</b>, [...] é muito conteudista e a gente tem que passar rapidamente sobre o conteúdo para poder cumprir tudo [...] tem esses macetinhos, as musiquinhas ou palavras, ou histórias que eu conto pra trazer o aluno pra perto de mim.</p> <p>o meu horário de trabalho acabaria na escola e a gente leva <b>muita coisa pra casa</b>. (FÁBIO)</p>	
<p>Eu acho que a minha principal dificuldade hoje, ela é ideológica. É muito difícil se entender como professor dentro de uma lógica capitalista de educação [...] é muito triste e muito duro observar que os caminhos as direções de educação no país tão na mão de grandes conglomerados empresariais. Então é uma grande dificuldade entender que talvez o meu trabalho ajude na manutenção do <b>privilégio de classe</b>. [...] Então eu me sinto como uma peça dentro da engrenagem do sistema que é continuar a reproduzir o sistema <b>capitalista</b> tal como ele é, tal como está posto e isso é o que mais me incomoda [...] os professores da rede privada são peças que são manipuláveis e são chantageados constantemente com o fato de que tem gente lá fora querendo também. Dentro da lógica mais capitalista possível e a minha leitura é marxista mesmo porque não há como não fazer uma leitura marxista do mundo do trabalho [...] E faz parte dessa lógica de fazer se sentir insuficiente, não te dar o tempo necessário para fazer o que é preciso. [...] a lógica toda é a lógica de manter o sistema capitalista vestibuleiro funcionando e para isso são massacradas todas as pessoas do processo, principalmente as pessoas que são os <b>proletários do processo que são os professores</b>. É um verdadeiro massacre. A escola privada é um moedor de carne. É um moedor de carne de vida inteligente, de gente inteligente.</p> <p>A <b>censura</b> que a classe dominante faz sobre o nosso trabalho é assustadora no tempo presente no sentido político e ideológico. E tem uma dificuldade muito específica que eu sou uma <b>professora mulher</b> [...] A quantidade de estudo, de teoria e de bagagem que a gente tem que ter pra provar que é capaz e mesmo assim nunca sentem que a gente provou, e esses caras não precisam fazer absolutamente nada, eles precisam apenas existir ali, enquanto homens que falem meia dúzia de palavras minimamente intelectualizadas para serem levados a sério e serem levados a sério a ponto de se tornarem os nossos chefes [...] eu tenho visto com frequência <b>gestões muito fracas</b>. (MÁRCIA)</p>	



Talvez o indicador mais claro de ser identificado tenha sido o “Dificuldades” uma vez que, de forma unânime, os entrevistados citaram problemas enfrentados em seu cotidiano. Embora os empecilhos se apresentem e sejam interpretados por cada indivíduo de forma ímpar, de acordo com visão e consciência social de mundo, gênero, entre outros, é fato que todos os professores sentem certo grau de frustração com momentos do cotidiano intrínsecos à rotina docente.

Algumas expressões merecem destaque na análise dos pré-indicadores selecionados acima: a falta de priorização no trato com o profissional docente, o grande volume de trabalho e conteúdo a serem abordados ao longo do ano letivo, a questão da desigualdade de gênero no ambiente escolar (tanto dentro de sala, quanto na gestão), desmotivação do aluno e a reprodução de um sistema capitalista e produtivista dentro da Educação.

O próximo grupo de pré-indicadores diz respeito a situações e atitudes dos entrevistados que reflitam sua própria prática, sobre o que acreditam ser o papel docente e suas atribuições.

Pré-Indicadores	Indicador
<p>you have to be very aware of the fact that there are people there who depend on your work. And the fact that they are children and adolescents gives us a great <b>responsibility</b> because they do not have a full capacity yet to judge reality. [...] <b>my students are little to my life</b>, so, I think that my priority is my students (LAERTE)</p>	<p>Características vistas como</p>
<p>Being available to <b>learn and relate</b> with the other, with the new are some important characteristics. [...] I think it is always a process of improvement. (NILCE)</p>	
<p>teacher needs to have <b>empathy</b> with the other and understand in some way that the other is looking for something to ask you [...] we always perceive that the teacher needs to be... to be <b>with</b> together né! I think the teacher is 22 hours thinking about the students, in my opinion. I am thinking about the students, about what I have to do, about what I should have done in the classroom, né? I am <b>enchanted</b> every time I say the things that I say. (FÁBIO)</p>	
<p>Being a teacher has something <b>utopian</b> né? has something to believe in changes [...] It is that the criteria of humanity, of human relationship are so low that it is enough to be sympathetic, educated and gentle that you are the <b>hero</b> of the role. Being very sincere, people are aggressive, people are imbecilized and imbecilizing, people are cheap in their relationships and that is the minimum that you give, that is to be <b>minimally ethical, generous, gentle you are already a hero</b> [...] I want to be a human being that bets so much on humanity to the point of educating other human beings, so that I do not want to do it for free. [...] So the strategy that I always have is to do my job. I think it is a thing that the whole world has to know. Being a teacher is</p>	

<p>um <b>trabalho muito solitário</b>, muito solitário. [...] eu <b>estudo muito pra trabalhar</b>, então eu sei o que eu tô fazendo e eu não abaixo a cabeça, assim, no sentido de quando a pessoa fala pra mim “se eu não sei o que eu to fazendo”, eu sei e ponto. Entendeu? Não vão colocar em discussão se eu sei o que eu to fazendo</p> <p>Eu estou na escola pelos meus alunos. Porque a escola tem os clientes, as famílias que são clientes, as famílias pagantes, mas os alunos quem tem sou eu. <b>O aluno é meu.</b> (MÁRCIA)</p>	necessárias ao “ser professor”
<p>Então eu gosto dessa ideia de que eu vou <b>explicar</b> de uma maneira diferente e a pessoa vai entender. [...] Eu acho que fazer o aluno compreender que existem <b>pontos de vista diferentes</b> é mais importante do que simplesmente você falar “isso tá certo e isso tá errado”.</p> <p>Eu tenho muitas características próprias de professor. [...] Professor é aquele que sai do colégio mas o colégio não sai dele. (LEANDRO)</p>	
<p>nem sempre a gente consegue ter ideias, mas eu sempre tento <b>trazer algo prático</b> pra matemática, então eu trago algum jogo, ou eu trago alguma coisa do dia a dia mesmo, mas nem sempre a gente tem ideias e tempo né?[...] Eu não me contento em fazer meia boca. <b>Eu vou fazer bem feito.</b> Então de certa forma é uma <b>cobrança</b> minha, mas como é um trabalho insano, acaba sendo externo! Vem de fora: a gente tem que fazer, entendeu? (SILVIA)</p>	

É perceptível certo nível de abnegação na maioria das falas, além de uma responsabilização que vai além do nível profissional e entra em um perigoso campo pessoal. A sociabilidade e alteridade também apareceram com alguma frequência, além da necessidade de constante aprimoramento pedagógico e teórico.

A seguir traremos alguns pré-indicadores que destacam vantagens e boas vivências que os entrevistados julgaram importantes para sua formação como docente e na continuidade dos seus trabalhos.

Pré-Indicadores	Indicador
<p>pelo menos ali houve algum grau de importância, algum grau de <b>impacto</b>, algum grau que me faz ver <b>sentido no que eu faço.</b> (LAERTE)</p>	
<p>Mas nesse sentido eu tenho uma <b>vida confortável</b>, eu viajo, eu tenho minha casa, mas eu sei que é uma bolha de privilégio em que eu vivo e que não é a realidade da maior parte dos professores no Brasil. (NILCE)</p>	
<p>a gente fala que no CASD eles pagavam não só em dinheiro mas em <b>amor</b> e realmente, eu me senti muito realizado fazendo algo que eu conseguia ver o final. (LEANDRO)</p>	Experiências positivas
<p>É uma profissão muito gostosa também ao mesmo tempo, porque você tá lidando com <b>sonhos</b>, você tá lidando com formação, você vê <b>sentido</b> naquilo que você faz. Não é toda profissão que te permite essa <b>flexibilidade.</b> (ALICE)</p>	
<p>Sempre quando eu entro em sala de aula eu <b>me sinto completo</b>, as outras partes é horrível, de ser professor, mas entrar em sala de aula e você trabalhar lá, fazer as coisas, é bom. Ou quando você tá... uma coisa muito boa e que facilita muito a nossa vida como professor é que eu gosto do que eu falo. (FÁBIO)</p>	

Visivelmente um conjunto menor de falas, ainda que relevantes, as experiências positivas descritas denotam uma certa utopia, palavra utilizada por alguns entrevistados, no sentido de alcançar uma educação melhor para seus alunos na “base da unha”, com esforço pessoal. A satisfação individual com um projeto educativo libertário e a relativa flexibilidade de horários foram destaques para este indicador.

Outro tema que surgiu com frequência foi o do suporte necessário e poucas vezes recebido para o cumprimento das funções docentes cotidianas. O conjunto de pré-indicadores correspondentes ao tema estão dispostos a seguir.

Pré-Indicadores	Indicador
<p>CEP ou Cepef, eu esqueci o nome agora, mas tem um órgão específico que você vai lá e você se inscreve para curso e tal, mas assim, eu particularmente <b>não gosto do curso</b> de lá tem um motivo muito simples: o que me interessa é sala de aula. [...] Os cursos que eu fiz não são bacanas, eles funcionam no mesmo esqueminha: você tem aula, um vídeo de alguém falando, um texto para você ler e perguntas. [...] Os ATPCs do estado, que deveriam ser para isso, são cada vez <b>mais atacados</b> né?</p> <p>Eu não acho que exista <b>interesse</b> real porque isso (apoio psicológico) custa e o que <b>custa o estado</b> não quer fazer. [...] Tanto em colégios particulares como em colégios públicos, quando a coisa aperta mesmo é mais importante manter a <b>máquina girando</b> do que socorrer um colega, né? (LAERTE)</p>	Apoio (ou falta dele)
<p>É discursivo, um estímulo, mas não é <b>nada concreto</b>. (NILCE)</p>	
<p>Os lugares que já trabalhei não há de forma alguma quem dê esse tipo de suporte [...] <b>você não tem direito a ficar doente</b> nem nada. Do lado acadêmico ainda pior! Não, não tem. Eu tenho apoio acadêmico enquanto não atrapalhe meu horário de aula ou o horário da reunião. [...] a gente chegou assistir <b>um curso de pós-graduação</b> inteiro nos horários da reunião pedagógica, (ALICE)</p>	
<p>Sou bem <b>felizardo</b> no sentido de não tenho o que reclamar das minhas coordenação e gestão. [...] uma das instituições tem vínculo com uma universidade aqui do Vale, então tem bolsa pra funcionários com mais de cinco anos [...] uma vez a cada seis meses tem algum <b>curso de formação</b> com <b>psicóloga</b> para atender alunos, saber como lidar com eles em sala de aula, já teve de <b>psicopedagogia, palestras</b>. (LEANDRO)</p>	
<p>mas depois que eu me tornei professora não tive <b>nenhum tipo</b> de experiência de formação para professores. (SILVIA)</p>	
<p>Os meus coordenadores são, de forma geral, muito <b>acolhedores</b>. Eu dou aula numa escola em que a coordenadora, ela te deixa errar. [...] queria que a gente pudesse explorar outras formas de aprendizado e isso aí a gente não consegue, mas no mínimo do mínimo a gente tem sim, apoio. [...] Mas assim, eu fiz uma pós recentemente em psicopedagogia e foi a noite né? Então assim, tempo, tempo a gente não tem não né? A gente faz quando é possível. Incentivo a isso não, a gente não tem nenhum, a <b>gente tira do próprio bolso</b>. (FÁBIO)</p>	
<p><b>nenhuma escola se preocupou com a saúde mental</b> dos professores de verdade [...] Quanto maior o colégio é, mais pesada vem a <b>cobrança</b> e existe uma retórica muito forte de ir minando a sua <b>autoestima</b> profissional a partir dessas cobranças e, se você não for muito fortalecido psicologicamente, você cai, você se sente uma b**ta de profissional. [...] Então, é muito importante essa lógica da rivalização, a gente sabe disso, a fórmula é básica: onde não tem coletividade não tem consciência de classe, onde</p>	

não tem consciência de classe e nem coletividade, não tem luta e se não tem luta o <b>sistema pode se reproduzir</b> na paz. Ponto. (MÁRCIA)	
--	--

Não é surpresa que o sistema educacional seja bem mais complexo do que a relação professor-alunos, mas observamos que, muitas vezes, o sentimento é de solidão no enfrentamento dos desafios diários e pouca ou nenhum incentivo a uma continuidade formativa, imprescindível para uma boa prática docente. Embora existam casos de entrevistados confortáveis com o suporte disponibilizado pela equipe gestora, são uma minoria.

A questão da saúde mental dos docentes foi citada em algumas ocasiões, principalmente quando relacionada ao período pandêmico. É relevante apontar que, em nenhum dos casos, os entrevistados obtiveram acompanhamento psicológico fornecido ou incentivado pelas diferentes instituições de ensino, sejam elas públicas ou particulares.

Para investigarmos o nível de consciência e proatividade dos docentes com relação às possíveis melhorias no sistema educacional traremos agora um grupo de falas que repercutem as propostas vistas como benéficas para a Educação Básica segundo os entrevistados.

Pré-Indicadores	Indicador
tem que ter uma <b>vontade política</b> de ver a educação como <b>investimento e não como um custo</b> [...] países que tem uma boa vida, uma carreira interessante docente, são países em que a educação em si é vista como algo essencial para a sociedade. (LAERTE)	Propostas
Por lei a gente deveria ter se esse momento, igual funcionam os <b>Institutos Federais</b> né? Que eles têm um <b>tempo remunerado</b> , recebe por hora-aula porque se entende que é necessário você ter horas aulas dedicadas a planejar estudar a refinar o que é sua prática. [...] é uma conquista da gente enquanto professor, a gente ter esse momento para a gente estudar sendo remunerado, esse momento para gente discutir educação sendo remunerado. Então para mim, assim, o que deveria acontecer na verdade é que o período no qual agente é remunerado para fazer isso devia ser muito maior. [...] então para mim é um modelo e uma estrutura que funciona. Pra mim isso é um exemplo de política que deveria ser <b>seguida por todas as instituições</b> . (NILCE)	
cursos de <b>pós-graduação</b> nas universidades públicas que sejam pensados para pessoas que trabalham. ajudariam seria também tornar mais interessantes os <b>salários na rede pública</b> reorganização das <b>taxas de impostos</b> também. (ALICE)	
Ter <b>mais reuniões</b> é importante, ajudaria, mas acho que poderia <b>saturar</b> o professor que já faz muito. banco de <b>Diários Onlines simplificado</b> , <b>bancos de questões</b> unificados também. (LEANDRO)	

<p>Olha que eu <b>não conheço</b> não. Desconheço. Pode ser que tenha, mas <b>falta informação</b>, não sei. (Você já pensou sobre esse assunto, já chegou a pesquisar?) Nunca. [...] talvez um curso ou um tempo extra para isso e que o colégio pague um curso de <b>formação continuada</b> para gente, enfim, é uma ideia muito boa que fica sempre assim: guardado no fundo da gaveta, aí quando a gente tiver tempo a gente vai fazer e a gente nunca tem tempo. (SILVIA)</p>	
<p>Se existe... Olha eu confesso que eu sou muito leigo nessa parte, <b>não conheço</b>, não tenho noção. E se tivesse eu até acharia interessante, mas eu não tenho tempo. Não, <b>nunca parei pra pensar</b>, de verdade. (FÁBIO)</p>	
<p><b>investindo</b> numa educação pública de qualidade, é abrir os <b>institutos Federais</b>, é ampliar este tipo de vaga [...] dentro dos institutos federais e que aí eles tem um <b>contrato de exclusividade</b> e, a partir desse contrato de exclusividade, eles passam algumas horas pesquisando, algumas horas planejando e algumas horas em sala de aula. Esse é o formato que devia ser para todo mundo, mas não é interessante, porque o interesse na educação não está na finalidade da educação que é educar. O interesse da educação hoje está no lucro. Ponto. A maior utopia do professor é que a educação pública funcione. Porque era lá que eu queria tá, né? (MÁRCIA)</p>	

Podemos dizer que este grupo de pré-indicadores foi o que maior encontrou contradições entre os entrevistados. Enquanto alguns discorreram de forma mais ou menos eloquente sobre mudanças práticas e cotidianas ou profundas e estruturais, outros alegaram desconhecimento demonstrando a importância urgente de uma coletividade docente incentivadora do senso crítico. Dentro de um pensamento marxista de consciência de classe, o conhecimento sobre a construção da sua realidade dialoga intrinsecamente com a possibilidade de mudança, assim, uma educação Básica de melhor qualidade passa pelo envolvimento do docente às políticas públicas vigentes que impactam direta ou indiretamente no seu cotidiano. A consciência sobre tal processo é imprescindível.

Seguimos para o penúltimo grupo de pré-indicadores selecionados que diz respeito as expectativas projetadas sobre a figura docente e sua aplicabilidade. Aqui investigamos como o professor ou professora entendem a construção da sua imagem dentro das diferentes comunidades escolares perguntando se já ouviram em qualquer situação as palavras “herói, dom ou vocação” atribuídas ao trabalho docente.

Pré-Indicadores	Indicador
<p>Várias e eu acho isso problemático para caramba. Porque, vamos lá, quem é o herói? O herói é aquele que <b>se sacrifica</b> para fazer algo, aquele que tem um <b>poder</b>, algum tipo de <b>responsabilidade</b> e a premissa de um herói é que ele <b>não vai receber nada</b> em troca né, até porque muitos deles são anônimos, assim você não sabe exatamente, eles se</p>	

<p>escondem. [...] essa ideia de herói permite que alguns setores <b>políticos vejam a profissão de professor</b> como essa profissão onde eles estão dispostos a sacrificar tudo, inclusive conforto e uma vida digna por causa da <b>importância do trabalho</b>. [...] não gosto de “Dom” e “vocação” porque parece que, em todos os casos, você tá tirando do Estado a responsabilidade de treinar os professores [...] existe um sentido de que eu como professor posso <b>resolver qualquer problema</b>, que eu tenho <b>poderes mágicos</b> e tal, e que se o aluno não tá aprendendo não é culpa dos problemas que ele tem em casa ou da falta de estrutura, simplesmente porque minha aula eu não fiz com o dom, <b>eu não fui herói o suficiente</b> [...] assim como herói é uma ideia particular, cada um tem uma ideia do que é ser professor. Todo mundo acha que sabe o que é ser professor, todo mundo acha que o professor ideal tem que ser “assim”, mesmo que nunca tenha estudado. [...] Na verdade, a gente é um herói de uma peça de teatro, a gente não é um herói real. A gente é um herói de um que se sabe o que vai acontecer, se sair do script f*deu. (LAERTE)</p>	Expectativas
<p><b>Todas</b> essas palavras eu já escutei. E eu acho que num primeiro momento eu <b>não as questionei</b>, mas com a prática e com a <b>reflexão</b> sobre ela, essas palavras não fazem o menor sentido! (risos) Inclusive me incomodo muito quando vejo discursos assim. [...] A gente tem que valorizar o nosso trabalho. É uma <b>via de mão dupla</b>. Então existiu no passado essa ideia de tentar relacionar a algo que era um “dom”, mas também é algo que muitos <b>professores usam para se fortalecer</b> [...] mas existe uma cobrança social também de que a gente seja perfeito, heroico (NILCE)</p>	
<p>ficar falando nisso de “dom e amor” me <b>incomoda profundamente</b> porque antes de tudo é um trabalho como outros e exige estudo e preparação (ALICE)</p>	
<p>Dom e vocação já. Herói não. Vocação eu escutava muito na roda de professores, [...] Todos esperam alguma coisa. Ultimamente os maiores problemas dos professores nem são tanto os alunos, mas os pais. [...] Mas eles colocam como se magicamente a gente chegasse nesse ponto onde a gente sabe tudo (LEANDRO)</p>	
<p>acho que de alguma forma está associada ao <b>nosso bom trabalho</b>, mas também tem uma coisa intrínseca aí que é eu acho que é <b>falta de remuneração</b>. [...] De primeira é alegria porque, como eu falei, eu penso que tem a ver com o bom trabalho realizado, então <b>me causa alegria</b>, mas se eu começo a pensar no dia a dia, na parte financeira que pesa, isso aí já é mais <b>frustrante né?</b> (SILVIA)</p>	
<p>Pera aí, “dom, vocação” parece algo especial, e não! E não, na verdade é muito esforço envolvido [...] na minha opinião, <b>não são elogios!</b> “<b>Herói</b>” <b>eu até gosto</b> quando vem depois, dos alunos, sabe? (FÁBIO)</p>	
<p>Pera, porque se tem que ter um herói significa que alguém não tá fazendo a sua parte, ou que tem um lado que tá fazendo o <b>antagonista</b>. Então se tem que ter um herói, o antagonista é quem emprega o herói. Ponto. Tem um antagonista e o antagonista é ou o Estado que colocou toda educação na mão da rede privada. Então se tem que ter o herói é que o vilão existe também. [...] Então, assim, a lógica é “eu vou resolver? beleza, eu vou resolver, mas será que uma hora o sistema vai <b>resolver as coisas básicas para eu não ter que ser herói?</b>” [...] é um sistema que nos desarticula, que <b>tira a lógica coletiva do trabalho docente</b>, que portanto nos <b>isola</b> dentro de uma retórica completamente liberal [...] E tudo isso está muito ligado a essa visão muito louca <b>messiânica</b> da função professor, entendeu?</p>	
<p><b>Vem da sociedade</b>, afinal o professor é fruto dela, então às vezes ele compra né? A gente não é descontextualizado do mundo. (MÁRCIA)</p>	

Foi consenso entre os entrevistados que existe uma relação constante entre a figura do professor e a do herói mitológico com poderes extraordinários. Unânime também foi a constatação de que tal relação causa certo grau de desconforto, seja por uma consciência crítica de desresponsabilização das estruturas de poder que deveriam agir mais ativamente em prol de uma Educação Básica de qualidade, seja pela impressão de desmerecimento do estudo e trabalho envolvido no fazer docente.

Alguns dos entrevistados constataram que tal relação é alimentada tanto por parte de uma sociedade liberal que incentiva a falácia meritocrática quanto por grupos de professores que veem nessa suposta “valorização” discursiva uma ferramenta para destaque pessoal ante a uma classe desunida como é a docente. A falta de uma coletividade entre professores sustenta a crença de um heroísmo utópico alcançado por alguns poucos que devem ser tomados como exemplo de abnegação pelo bem geral da Educação, ignorando que os maiores empecilhos estão intrínsecos ao sistema liberal produtivista vigente.

Por último separamos algumas passagens que dizem respeito ao incentivo que os entrevistados fazem aos alunos que demonstram interesse por seguir carreira docente.

Pré-Indicadores	Indicador
Eu tenho que deixar claro que é uma profissão que cobra de você um <b>horário absurdo</b> , uma <b>valorização pequena</b> , mas que também você vai ter uma vida talvez um pouco mais confortável que outras pessoas porque querendo ou não <b>tem algumas vantagens</b> (LAERTE)	Professores do futuro
Tenho na verdade alguns ex-alunos que viraram professores o que para mim é, nossa, motivo de <b>muito orgulho</b> . [...] tem mais chances no mercado de trabalho, o que em si já é também injusto, mas são alunos que falam línguas, enfim, vão pra universidade pública, tem esse perfil. Vão concorrer a grandes cargos. (NILCE)	
Mas <b>a maioria não quer ser professor</b> , eles sabem que é (uma profissão) desvalorizada. Só que eu acho que eles enxergam mais essa desvalorização dentro da sala mesmo [...] pouquíssimos alunos que falaram e foram realmente ser professores. Os que eu tenho, não por coincidência, foram de uma ONG que eu trabalhei muito tempo e que foram os <b>primeiros a entrar na faculdade</b> das suas famílias, (ALICE)	
Se eles perguntam se eu gosto eu respondo que <b>sim, eu amo</b> . [...] tentando sobrepujar esses meus receios escolhendo a profissão que trabalhava todos. Mas eu gosto, gosto muito. (LEANDRO)	
não desanimei, mas <b>tentei orientar por um caminho que talvez seja melhor do que o ensino básico</b> , que tem pouca remuneração. [...] com os alunos mesmo de Ensino Médio pouquíssimos falam que querem ser professores, não tem muita gente se anima né? Mas ainda tem um outro, tentando... difícil! (SILVIA)	
Vem falar pra mim “ah tava querendo...” eu falo “ <b>não, faz isso não</b> ” (risos) tô brincando, não falo bem assim. Todo mundo tem que ser professor uma vez na vida, mas	

não queira ser pro resto da vida não! [...] Eu quero que <b>meus alunos se saiam bem.</b> (FÁBIO)	
Então quando você desmotiva o seu aluno a ser professor, você está querendo dizer que você tem que parar de ser. [...] Porque a história não muda por conta das instituições. A história muda por conta dos indivíduos, entende? Então não são as instituições que vão fazer a mudança, se falo pra ele “não vai ser professor” significa que esse <b>meu discurso morre comigo</b> e se esse meu discurso morre comigo, não adiantou nada eu ser professora a minha vida toda. [...] Então a minha <b>utopia não morre comigo quando algum aluno decide ser professor.</b> [...] quando um menino ou menina dessas decide ser professor ele tá <b>rompendo com a manutenção do privilégio</b> de classe e se ele tá fazendo isso, ele já entende muita coisa sobre o mundo. Então deixa ele colocar em prática o que ele entendeu. (MÁRCIA)	

Aqui vemos também alguma divergência. Curiosamente ou não, os entrevistados mais críticos ao longo de toda a entrevista foram os que de forma mais enérgica relataram incentivar a escolha docente por parte de seus alunos, enquanto os que se mostraram de alguma forma mais confortáveis com o próprio cotidiano escolar tem ressalvas na indicação da própria profissão.

Finalmente, a releitura do material e dos pré-indicadores aglutinados permitiu a articulação dos indicadores, que formarão os núcleos de significação, por meio dos quais vamos procurar desvendar os sentidos e significados que relacionam o docente à imagem mítica do "herói".

*Esse movimento construtivo-interpretativo perfaz todo o processo desde o início e é extremamente importante, já que o pesquisador, ao interpretar e construir o nome do indicador e núcleos de significação, deve se ater à essência do fenômeno abordado nesse grupo, isto é, o título/nome dado ao indicador e núcleos deve expressar o cerne da questão. (SILVA; DAVIS, 2016)*

Os próximos passos serão dedicados a identificar e relacionar os indicadores acima demarcados aos objetivos específicos definidos no início do projeto, a saber: motivação, auto imagem, expectativas e funções docentes. Fruto de tais relações, se darão os Núcleos de Significação.

Indicadores	Temas	Núcleos de Significação
Professores do futuro	Motivação	Escolhi, escolho e incentivo o “ser professor” - <i>tentei orientar por um</i>
Experiências positivas		



		<i>caminho que talvez seja melhor do que o ensino básico</i>
Apoio (ou falta dele)	Funções da docência	Desafios que se repetem continuamente - <i>É uma desvalorização moral da profissão, não só financeira</i>
Dificuldades intrínsecas à docência		
Características vistas como necessárias ao “ser professor”	Autoimagem	Herói, vítima, nenhum ou ambos? - <i>será que uma hora o sistema vai resolver as coisas básicas para eu não ter que ser herói?</i>
O que se espera de nós?	Perspectivas	
Propostas		

É importante destacar que a tabela acima representa uma base para a construção inicial da análise, mas a interlocução entre os diferentes indicadores e os Núcleos de Significação se dará de forma contínua e fluida, sendo, justamente, característica intrínseca ao método escolhido a constante mobilidade.

**6.1 NÚCLEO 1: Escolhi, escolho e incentivo o “ser professor”?** - *tentei orientar por um caminho que talvez seja melhor do que o ensino básico.*

A escolha da frase em conjunto com o título do núcleo representa um destaque de uma das entrevistas que exprime de forma ímpar como alguns professores registram a própria escolha profissional e o estímulo às novas gerações docentes. A dicotomia presente no ser professor enquanto desincentiva a continuidade da profissão é um fenômeno muito presente no ambiente escolar que apareceu de forma clara em dois dos casos entrevistados.

É imprescindível pensar o fenômeno por meio da categoria totalidade, uma vez que, se o analisarmos separadamente, se perdem as incoerências e peculiaridades intrínsecas a ele. Para chegarmos à realidade científica é preciso compreender as relações dialéticas que compõem tal realidade. Como aponta Lukács:

A categoria de totalidade significa, de um lado, que a realidade objetiva é um todo coerente em que cada elemento está, de uma maneira ou de outra, em relação com cada elemento e, de outro

lado, que estas relações formam, na própria realidade objetiva, correlações concretas, conjuntos, unidades, ligados entre si de maneiras completamente diversas, mas sempre determinadas (LUKÁCS, 1967, p.240)

Percebemos que a lógica dialética é fundamental para compreendermos as relações que formam a totalidade dos fenômenos estudados: nada se constrói individualmente, nem mesmo o próprio indivíduo. A constante confluência entre o material e o ideal são constitutivas da nossa sociedade, sendo impraticável separá-los se o objetivo é uma visão ampla da pesquisa. Desta forma precisamos levar em conta o contexto político-social em que vivemos para compreender as motivações que alimentam o trabalho docente.

Parece claro que o modelo liberal capitalista nos leva (erroneamente) a separar o discurso da prática como fica claro nas existentes contradições do cotidiano docente, representadas pelos professores que afastam os alunos da própria profissão, e que muitas vezes reproduzem tais contradições sem perceber, sem um pensamento teoricamente embasado que o permita a reflexão. Interessa ao sistema vigente a manutenção do *status quo* e, portanto, o afastamento do senso crítico, principalmente entre as camadas de formadores, ou seja, os professores da Educação Básica.

A desvalorização que a docência vem sofrendo, marcadamente após o golpe de 1964, contribui para uma sociedade que vê pouca relevância no papel dos professores que vem acompanhada de uma remuneração pouco atrativa. Dentro da lógica capitalista, uma profissão que não remunera bem, automaticamente deixa de ser interessante, mesmo para aqueles que já se encontram dentro das salas de aula.

*Vem falar pra mim “ah tava querendo...” eu falo “não, faz isso não” (risos) tô brincando, não falo bem assim. Todo mundo tem que ser professor uma vez na vida, mas não queira ser pro resto da vida não! [...] Eu quero que meus alunos se saiam bem. (FÁBIO)*

Foi notório, ao longo das entrevistas, que a falta de uma reflexão complexa acerca do contexto social enfrentado pelos diferentes docentes coincide com o próprio processo formativo profissional “cuja organização é feita para manter indelével esta dicotomia” (MAGALHÃES, 2021, p. 359) e só é ultrapassado ou em cursos que na própria acepção tem a construção dos processos sociais como base de princípio (Ciências Sociais, por exemplo) ou por uma busca pessoal própria, mas não na licenciatura. Isso não é

coincidência. Quando analisamos o fenômeno a partir da categoria totalidade, fica claro que um professor da Educação Básica que se forma como crítico de uma sociedade liberal é visto como perigoso e indesejável para a manutenção do status quo.

Aqui cabe voltar aos objetivos da dissertação, marcadamente “Identificar a motivação para escolha e entrada na carreira docente”. A formação inicial dos professores considerados “especialistas” de Ensino Fundamental anos finais, como foi o caso dos entrevistados, já parte de princípios que, muitas vezes, não têm como objetivo a docência: *então, pelo interesse na disciplina, eu me conformei com a ideia de ser professora (ALICE)*. Pela frase é possível inferir que a escolha pela docência, em alguns casos, não foi exatamente uma escolha, mas sim uma consequência e, desta forma, o incentivo para que as próximas gerações optem por encarar os desafios da profissão acaba não fazendo sentido realmente.

Assim, observamos duas razões principais para a dicotomia “ser professor e desincentivar a continuidade da profissão” que, na busca por uma educação de qualidade que forme cidadãos e não máquinas reprodutoras de um sistema que não os favorece, devem ser repensadas e combatidas no processo de formação docente. A primeira se relaciona com a formação em si que aprova, conscientemente ou não, a continuidade do *status quo*, e a segunda que tem a ver com o fato de que, principalmente entre os professores “especialistas”, a docência não ter sido a primeira opção de carreira.

Um terceiro ponto que também deve ser discutido, considerando que muito ainda precisa ser debatido com relação a formação inicial de professores, é que a própria separação por áreas de conhecimento impõe uma barreira que privilegia disciplinas técnicas sem ou com pouco foco nos embates sociais e que mantém a roda do capitalismo girando sem empecilhos. Desconsiderar a totalidade dos processos formativos pode ser visto como um dos geradores da contradição e distanciamento entre o “ser professor” e o “incentivar a profissão” como se fossem assuntos diferentes dentro das discussões docentes.

## **6.2 NÚCLEO 2: Desafios que se repetem continuamente - *É uma desvalorização moral da profissão, não só financeira.***

Como no núcleo anterior, iniciamos a análise com uma frase impactante recolhida durante as entrevistas. A continuidade de problemas conhecidos de longa data nos fazem questionar se o objetivo real de uma educação nos moldes capitalistas é a construção de uma sociedade cidadã e consciente. É sequer possível uma educação de qualidade dentro do sistema neoliberal?

Aqui se mostra coerente nossa comparação ao Sísifo, não porque a rotina cotidiana do docente seja repetitiva, afinal cada turma é única, mas porque os problemas estruturais enfrentados se repetem nas falas de diferentes gerações de professores: “volume de trabalho, desvalorização, ser mulher (questão de gênero), currículo grande, censura e gestões fracas” foram termos utilizados pelos entrevistados, mesmo que divergissem em idade e local de trabalho.

Em conexão direta com um dos objetivos iniciais, a saber “Apreender as significações dos professores sobre as suas formações e funções docentes no contexto atual”, percebemos que existe uma diversidade no que os voluntários entendem e significam sobre suas atribuições como professor ou professora, ainda que haja consenso a respeito da multiplicidade de desafios a serem enfrentados. Enquanto alguns descrevem dificuldades mais burocráticas (banco de questões, tempo para correção, cobrança de prazos), outros discorrem sobre aspectos mais subjetivos como saúde mental, por exemplo.

Quando nos referimos ao incentivo à formação continuada (tão imprescindível à atualização didática e base teórica) poucas foram as respostas positivas, o que mostra, entre tantos outros fatores já descritos, que o apoio ao trabalho docente pelas estruturas “responsáveis” é falho na maioria dos casos, ainda que a consciência sobre tais falhas seja divergente entre os voluntários:

*Os meus coordenadores são, de forma geral, muito acolhedores. Eu dou aula numa escola em que a coordenadora, ela te deixa errar. [...] queria que a gente pudesse explorar outras formas de aprendizado e isso aí a gente não consegue, mas no mínimo do mínimo a gente tem sim, apoio. (FÁBIO)*

*Tanto em colégios particulares como em colégios públicos, quando a coisa aperta mesmo é mais importante manter a máquina girando do que socorrer um colega, né? (LAERTE)*

*É discursivo, um estímulo, mas não é nada concreto. (NILCE)*

A partir de tais reflexões, não podemos nos furtar de utilizar como parte da análise a categoria trabalho, uma vez que em maior ou menor grau ela está presente de forma intrínseca na realidade docente. Saviani (1994) destaca que “o trabalho foi, é e continuará sendo princípio educativo do sistema de ensino em seu conjunto” ficando justificada a importância desta categoria para a compreensão da totalidade (outra categoria fundamental) da formação e atuação docente na atualidade.

O nível de consciência sobre essa fundamental categoria e suas consequências varia de acordo com o professor. Dentre os voluntários entrevistados houveram alguns que destacaram o bom apoio da gestão e da instituição em que lecionam, enquanto outros se aprofundaram na questão da coletividade da classe docente.

*Quanto maior o colégio é, mais pesada vem a **cobrança** e existe uma retórica muito forte de ir minando a sua **autoestima** profissional a partir dessas cobranças e, se você não for muito fortalecido psicologicamente, você cai, você se sente uma b\*\*ta de profissional. [...] Então, é muito importante essa lógica da rivalização, a gente sabe disso, a fórmula é básica: onde não tem coletividade não tem consciência de classe, onde não tem consciência de classe e nem coletividade, não tem luta e se não tem luta o **sistema pode se reproduzir** na paz. Ponto. (MÁRCIA)*

Voltamos a ressaltar as contradições que a falta de uma visão crítica dentro da classe docente impõe às significações dos professores sobre suas funções na docência. Se a consciência social sobre o papel da educação (formar cidadãos pensantes) não for desenvolvida, perdemos de vista que a realidade em que vivemos é um produto da construção histórica humana e, portanto, passível de ser alterada.

Assim, em concordância com Marx e seguindo com o método materialista histórico-dialético a que nos propusemos, o trabalho se estabelece como categoria fundamental do ser social que é o humano e a compreensão das significações docentes se estabelecem também a partir desta categoria:

*A fim de se apropriar da matéria natural de uma forma útil para sua própria vida, ele [humano] põe em movimento as forças naturais*

pertencentes a sua corporeidade [...] agindo sobre a natureza externa e modificando-a por meio desse movimento, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza [...] Além do esforço dos órgãos que trabalham, a atividade laboral exige a vontade orientada a um fim (MARX, 1867).

A “vontade orientada a um fim” pode expressar a significação do docente sobre seu papel, sua função como formador que, uma vez consciente, possibilita a transformação, se afasta da continuidade mecânica do “Sísifo” e se encaminha para o fim de uma mitologia falaciosa intrínseca à nossa comunidade que está sempre a fazer alguma coisa sem mudar coisa alguma.

Concluimos, assim, que a escola, a docência, a sociedade que a forma e rodeia se constroem em função do trabalho. A grande questão que deve ser proposta e discutida com afinco nos cursos de formação docente e no cotidiano das escolas é: o modelo de trabalho que nos é imposto atualmente tem como objetivo formar cidadãos? As condições disponíveis sugerem que não.

**6.3 NÚCLEO 3: Herói, vítima, nenhum ou ambos? - *será que uma hora o sistema vai resolver as coisas básicas para eu não ter que ser herói?***

Este talvez seja o mais caro Núcleo formado até aqui, pois se relaciona diretamente com a pergunta principal da pesquisa: Existe uma relação entre o profissional docente e a figura do herói mitológico? E, se sim, por quem e para quem esta relação é construída?

Para encontrar possíveis respostas a essas questões, retornamos aos objetivos deste trabalho, em específico “Investigar a autoimagem do professor e como ela é influenciada pelo contexto político-social vigente” que se relaciona diretamente com a significação por parte do próprio docente sobre a docência. Como o professor se vê, se compreende no seu ambiente de trabalho e fora dele sofre interferências positivas e negativas diretas do valor que a sua sociedade atribui à profissão, sendo imprescindível que destaquemos para esta análise o papel da contextualização social e histórica em que o entrevistado está inserido, pois:

Para que possamos, portanto, nos apropriar das significações, necessário se faz apreender não sua unilateralidade, mas suas

relações, qualidades, contradições, isto é, as mediações sociais e históricas que as configuram como unidades dialéticas da fala e do pensamento. (AGUIAR, W. M. J.; SOARES, J. R.; MACHADO, V. C., 2015)

Relembramos aqui a importância do formulário preenchido pelos entrevistados como forma de nos familiarizar com o contexto em que estão inseridos e aprofundar a complexidade dos significados das suas falas. Com esta análise, mais uma vez fica clara como a diferença de postura e consciência social entre os entrevistados está diretamente relacionada com a sua área de formação, tradicionalmente “Exatas, Biológicas e Humanas”, como podemos perceber em:

*Então eu me sinto como uma peça dentro da engrenagem do sistema que é continuar a reproduzir o sistema capitalista tal como ele é, tal como está posto e isso é o que mais me incomoda. (MÁRCIA, História)*

*[A maior dificuldade é o] Desinteresse do aluno. É a primeira dificuldade que eu vejo, eles não querem estudar. Principalmente quando é matemática. (SILVIA, Matemática)*

*A dificuldade é a quantidade de matéria, [...] é muito conteudista e a gente tem que passar rapidamente sobre o conteúdo para poder cumprir tudo [...] tem esses macetinhos, as musiquinhas ou palavras, ou histórias que eu conto pra trazer o aluno pra perto de mim. (Fábio, Biologia)*

Parece claro que todos compreendem haver uma série de dificuldades no cotidiano docente, mas a percepção da razão dessas dificuldades nem sempre apontam para o sistema neoliberal, permanecendo uma explicação rasa e imediatista da sua própria realidade. Assim, ressaltamos como é imprescindível que cursos formadores de Pedagogia e Licenciaturas em geral tenham em seu currículo aulas e debates críticos da sociedade em que irão atuar e as consequências do modelo capitalista vigente para a Educação.

Para continuarmos com a análise, destacamos outro objetivo que será abordado neste Núcleo: “Explorar a responsabilização sobre a figura docente em comparação às condições encaradas pelo professor para atingir tais expectativas da comunidade”, ou seja, quais as expectativas atribuídas pelos próprios professores sobre si mesmos e pela sociedade ao trabalho destes professores, e quais ferramentas são disponibilizadas para alcançar ou superar tais ambições.

Ao longo das entrevistas ficou claro que a questão das expectativas se conecta profundamente com a categoria contradição, uma vez que nos ajuda a compreender os movimentos dialéticos que transformam a realidade, como em:

O processo de produção da contradição está na realidade, sendo que ela mesma, a realidade, só se transforma por contradições. Às mentes desavisadas, estruturalmente forjadas em uma concepção de mundo formalista, pode ser mais difícil expor tal categoria, pois é na lógica dialética que se assenta a explicação da contradição. (MAGALHÃES, 2021)

As entrevistas estão repletas de contradições nas falas dos próprios entrevistados e quando as comparamos nos Indicadores. Tal fenômeno não é exposto como algo ruim, pelo contrário. Nos permite perceber a complexidade e as transformações possíveis dentro da docência uma vez que entendemos o modo dialético em que Infra e Superestrutura se relacionam para formar e transformar a realidade em que vivemos: as mudanças necessárias só serão possíveis através da contradição.

Nos encaminhando para a fase final da análise, voltamos às perguntas “Existe uma relação entre o profissional docente e a figura do herói mitológico? E, se sim, por quem e para quem esta relação é construída?”

Ao longo das entrevistas percebemos que sim, há uma ideia meio consensual e ao mesmo tempo incômoda de que o professor é um herói em maior ou menor medida, em cenários favoráveis ou não. Porém a segunda pergunta é bem mais complexa de ser respondida. Percebemos nas falas dos voluntários que a construção deste ideário é incentivada por muitos lados: pela sociedade que se aproveita da noção meritocrática para responsabilizar o professor pela sua escolha profissional e obrigá-lo a arcar com as dificuldades intrínsecas a ela como uma tarefa individual baseada no “trabalhe ainda mais e vai superar essas dificuldades”, e pelo próprio professor que vê na terminologia uma falaciosa valorização.

Difícil encontrar verdadeiros benefícios tanto para a sociedade democrática (que quer, ainda que nominalmente, a melhoria da educação), quanto para os proletários da docência na manutenção desta relação mitológica, que, segundo observamos, só favorece a continuidade de um status quo claramente desfavorável à docência. Não é possível desvincular a precariedade do sistema educacional brasileiro ao modelo neoliberal dominante.



Esvaziados de nossa função original de ensinar, nossa subjetividade forja-se mediada por relações sociais, onde nossa única mercadoria à venda é nossa força de trabalho, que nos submete a jornadas insanamente duplicadas, triplicadas. Tempo é trabalho, é dinheiro, única forma de reproduzir nossa existência. Desta maneira, o pano de fundo deste cenário sempre foi a precarização histórica do trabalho docente, intensificando e ampliando de diferentes formas o sofrimento psíquico laboral. (MAGALHÃES, 2021)

Algo que já foi estabelecido pela academia encontra ainda poucos ecos na sala de aula, onde a consciência sobre a realidade docente e suas possibilidades de mudança variam diametralmente como demonstrado com as falas recolhidas:

*[...] a lógica toda é a lógica de manter o sistema capitalista vestibuleiro funcionando e para isso são massacradas todas as pessoas do processo, principalmente as pessoas que são os proletários do processo que são os professores. É um verdadeiro massacre. A escola privada é um moedor de carne. É um moedor de carne de vida inteligente, de gente inteligente. (MÁRCIA)*

*Não, nunca parei pra pensar, de verdade. (FÁBIO)*

Está demonstrado que o cerne dos maiores empecilhos ao desenvolvimento saudável e sustentável da educação básica se encontra no sistema capitalista produtivista e formar professores alienados desta realidade só interessa à manutenção deste sistema. Daí a relevância de estudos que fomentem o pensamento crítico entre a classe docente, mas que além disso, estabeleçam pontes entre a academia e o “chão de sala”.

## 7 CONSIDERAÇÕES SOBRE O ESTUDO DIALÉTICO

A partir da comparação figurativa do cotidiano escolar com o mito do Sísifo, este trabalho se propôs a compreender a existência e impactos da constante relação entre a figura do profissional da educação e o herói mitológico, como alguém capaz de superar quaisquer barreiras e cometer sacrifícios para cumprir sua missão fundamental de ensinar.

Nos baseando na perspectiva do MHD (materialismo histórico-dialético), vista como fundamental para a compreensão dos processos que constroem as características da sociedade atual, consideramos ser importante uma análise crítica a respeito dos elementos que influenciam o cenário de crise da Educação Básica no Brasil, além dos processos de construção social e pessoal que formam as significações sobre a docência por parte dos próprios docentes entrevistados.

A pesquisa se mostrou relevante por trazer falas por vezes contraditórias, por vezes complementares de professores e professoras do Ensino Fundamental Anos Finais de diferentes áreas do conhecimento e com experiência relevante em sala de aula, que mostram a complexidade da relação que se estabelece e é estabelecida entre o docente e a figura do herói, o professor sobre-humano capaz de fazer pela sociedade o que ninguém mais faz, ao mesmo tempo em que não recebe condições apropriadas para fazê-lo.

Através da análise por Núcleos de Significação, foi possível compilar pré-indicadores, indicadores e núcleos que expõe um distanciamento proposital entre alguns cursos de licenciatura e pedagogia e a consciência crítica necessária para quem exerce a função de formar cidadãos dentro de uma sociedade capitalista e neoliberal. A dialética entre a Infra e Superestruturas (as condições materiais e as ideais, respectivamente), para usarmos a terminologia marxista, tem sido clara quando vários dos docentes voluntários que participaram das entrevistas entendem a relação professor-herói como existente, impactante e por vezes opressora, ao mesmo tempo em que admitem recorrer à ela ou conhecer colegas que se alimentam da ideia para possíveis ganhos em um mercado de trabalho cada vez mais competitivo.

Coerente pontuar que, nestas considerações que são finais e ao mesmo tempo efêmeras, podemos destacar a interação entre os Núcleos de significação, uma análise

internúcleos na qual associamos os Núcleos de Significação no intuito de retornar à realidade que é subjetiva, agora desmontada, analisada e remontada consciente de sua complexidade. Este movimento nos permitiu identificar aspectos comuns aos três núcleos, assim como aspectos contraditórios.

Em comum temos o esforço contínuo (ainda que cansado) dos voluntários pela melhoria da educação. Alguns mais ou menos conscientes deste esforço que está relacionado à uma menor ou maior abrangência (sala de aula e a estrutura educacional, respectivamente), mas de forma geral, o impulso por fazer mais e melhor é presente.

As contradições presentes também em todos os três Núcleos sintetizam a discrepância entre a fala teórica de que “precisamos melhorar o sistema educacional” e ações públicas que realmente se aproximem deste objetivo. Mais uma vez destacamos a importância de uma consciência coletiva a sobre os motivos destas contradições para que as críticas e mudanças sejam atribuídas corretamente e não caiamos no simplismo de acreditar que os alunos não querem aprender, professores não querem ensinar ou que a educação deve ser voltada exclusivamente ao mercado de trabalho.

Acreditamos na possibilidade de esta pesquisa jogar nova luz sobre os motivos do latente retrocesso nas condições formativas e de trabalho docente, olhando especificamente para a figura do professor e sua relação com a sociedade que o cerca. As diferentes expectativas e responsabilidades atribuídas ao professor em sala de aula, principalmente em tempos de crise (como a pandemia passada), fazem crer que o professor é algo como sobrenatural capaz de solucionar todos os problemas possíveis e inimagináveis impulsionado apenas pelo amor incondicional que tem por ensinar. Tal perspectiva fica clara em falas de familiares, políticos, alunos e até alguns colegas, mas, principalmente, entre profissionais de áreas muito distantes das realidades docentes.

Esperamos ter contribuído para a compreensão dos processos que levam o docente a assumir (voluntária ou involuntariamente) esse papel de Sísifo: rolar todos os dias uma grande e pesada pedra montanha acima, somente para vê-la rolar novamente até o chão, e no outro dia (ou trimestre, semestre ou ano), começar tudo de novo, sem um questionamento real sobre o seu papel neste processo. Demonstrando a validade da comparação, temos o exemplo do movimento “existencialista” no século XX, Albert Camus, que também retomou o mito para demonstrar a condição humana que, sem

sentido crítico, segue uma rotina todos os dias, determinada e beneficiada por outros dentro da sociedade e do sistema capitalista de produção.

Comprometidos com a meta de aproximar as discussões e o conteúdo de estudos acadêmicos aos professores da Educação Básica, nos propusemos a construir um Podcast contendo as considerações dos voluntários sobre os significados da sua profissão após a leitura do trabalho e da análise feita com base nas suas entrevistas. A ideia aqui é provocar nos entrevistados reflexões críticas sobre as dificuldades enfrentadas cotidianamente, de onde vieram e a quem beneficiam. As conclusões alcançadas nesta segunda conversa podem gerar frutos interessantes passíveis de análise em um próximo momento.

Como citado no início: educar é e deve ser entendido como um ato revolucionário, impulsionador de conflitos e, portanto, de mudanças. A interrupção da roda capitalista que vem paulatinamente destruindo a credibilidade e a valorização da carreira docente só será possível a partir de uma conscientização de que a roda existe e pode ser quebrada.

## REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Wanda Maria J.; OZELLA, Sergio. Apreensão dos sentidos: aprimorando a proposta dos núcleos de significação. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, v. 94, n. 236, p. 299-322, jan./abr. 2013.
- AGUIAR, W. M. J.; ARANHA, E. M. G.; SOARES, J. R. (2021). Núcleos de significação: Análise dialética das significações produzidas em grupo. *TEORIAS, MÉTODOS, PESQUISA EDUCACIONAL*. Cadernos de Pesquisa, 51, Artigo e07305. <https://doi.org/10.1590/198053147305>
- AGUIAR, W. M. J.; SOARES, J. R.; MACHADO, V. C. Núcleos de significação: uma proposta histórico-dialética de apreensão das significações. *Cadernos de Pesquisa* v.45 n.155 p.56-75 jan./mar. 2015
- ANDRÉ, M. Memorial, instrumento de investigação do processo de constituição da identidade docente *Contrapontos - volume 4 - n. 2 - - Itajaí, maio/ago. 2004. p. 283-292.*
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Ensino de História: Fundamentos e Métodos*. São Paulo: Cortez, 2004.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Livros Didáticos entre Textos e Imagens*. In: *O Saber Histórico na sala de Aula*. São Paulo. Editora Contexto. 2005.
- BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia Grega*. Rio de Janeiro: Vozes, 1997. Volume III.
- CANDAU, V. M. Ensinar - aprender: desafios atuais da profissão docente. *Revista COCAR*, Belém, Edição Especial, n.2, p. 298-318, ago./dez. 2016.
- DUBAR, C. *A socialização: construção das identidades sociais e profissionais*. São Paulo: Martins Fontes, 2005. (p. 133 a 159).
- GIRALDES, Antonio Roberto. *Mestres e Heróis: mitohermenêutica da formação da identidade de professores.* 01/03/2011 132 f. Mestrado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, São Paulo Biblioteca Depositária: FEUSP
- BONHEN, Neusa Terezinha. *A Jornada do Herói: a narrativa autobiográfica na construção da identidade profissional do professor.* 01/09/2011 108 f. Mestrado em

LETRAS E LINGUÍSTICA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS, GOI NIA Biblioteca Depositária: Biblioteca Central da UFG

ERLACHER, Ana Carolina. Entre o Herói e a Vítima: Sobre a Responsabilidade do Professor no/pelo Ensino de Língua Inglesa na Escola Pública' 01/09/2009 117 f. Mestrado em ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS EM INGLÊS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, São Paulo Biblioteca Depositária: Biblioteca Florestan Fernandes

JÚNIOR, José Américo de Lacerda. Sísifo liberto' 01/12/2004 228 f. Doutorado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, NITERÓI Biblioteca Depositária: Biblioteca Central do Gragoatá

GATTI, B. A.; BARRETO, E. S. S.; ANDRÉ, M. E. A.; ALMEIDA, P. C. A. Professores do Brasil: novos cenários de formação. Brasília: UNESCO, 2019. Cap. VI (p. 177-209)

GONTIJO, Rebeca. Identidade Nacional E Ensino De Historia: A diversidade como. "Patrimônio sociocultural". In: ABREU, M; SOIHET, R. (org.) Ensino de História. Conceitos, temáticas e metodologia.

GONZALEZ REY, Fernando. As categorias de sentido, sentido pessoal e sentido subjetivo: sua evolução e diferenciação na teoria histórico-cultural. *Psicol. educ.*, São Paulo, n. 24, p. 155-179, jun. 2007 .

HOBBSAWM, Eric. Não basta a história de identidade. IN: Sobre História. São Paulo, Cia das Letras, 1998.

HUBERMAN, M. O ciclo de vida profissional dos professores. In: Vidas de professores. Portugal: Porto Editora, 1992.

LEFEBVRE, Henri. Lógica dialética / lógica formal. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

MAGALHÃES, L. A dimensão subjetiva dos processos de inclusão escolar no movimento da pesquisa-trans-formação. Tese (Doutorado em Educação: Psicologia da Educação) – PUC - SP, 2021.

MARX, Karl. Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MINAYO, M.C.S. (org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 29. Edição. Petrópolis: Ed. Vozes, 2010. (Coleção temas sociais).

PRADO JUNIOR, Caio. Dialética do conhecimento. São Paulo: Brasiliense, 1980.

ROLDÃO, M C. Função docente: natureza e construção do conhecimento profissional. Revista Brasileira de Educação, v. 12, n. 34, p. 94-103, jan./abr., 2007.

SHULMAN, L. Conhecimento e ensino: fundamentos para a nova reforma. Cadernos Cenpec. São Paulo, v.4, n.2, p.196-229, dez. 2014

TARÁBOLA, Luana Lasincki Marum. O professor entre o profissionalismo e o heroísmo: as motivações e expectativas para a escolha da carreira docente. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

TARDIF, M. A profissionalização do ensino passados trinta anos: dois passos para a frente, três para trás. Educação & Sociedade, Campinas, vol. 34, n. 123, p. 551-571, abr.-jun. 2013.

TARDIF, M. Saberes docentes e formação profissional. Petrópolis: Vozes, 2013. Os professores diante do saber: esboço de uma problemática do saber docente. Cap. 1.

VIGOTSKI, Lev S. Teoria e método em Psicologia. São Paulo: Martins Fontes, 2004

## **LINKS INTERESSANTES**

ADICHIE, Chimamanda. O perigo de uma história única.

<https://www.youtube.com/watch?v=wQk17RPuhW8>

Portal do governo Moçambicano

<http://www.portaldogoverno.gov.mz/por/Mocambique/Historia-de-Mocambique/Periodo-Pre-Colonial>

<https://www.rhinoafrica.com/pt/mocambique/historia-de-mocambique>

[http://www.inf.ufsc.br/~vera.carmo/Ensino\\_2013\\_2/Instrumento\\_Coleta\\_Dados\\_Pesquisas\\_Educacionais.pdf](http://www.inf.ufsc.br/~vera.carmo/Ensino_2013_2/Instrumento_Coleta_Dados_Pesquisas_Educacionais.pdf)

[https://acervodigital.unesp.br/bitstream/unesp/155306/1/unesp-nead\\_reei\\_ei\\_d04\\_texto2.pdf](https://acervodigital.unesp.br/bitstream/unesp/155306/1/unesp-nead_reei_ei_d04_texto2.pdf)